

REVOLUÇÃO

PERMANENTE

A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA e as tarefas dos revolucionários



REVOLUÇÃO PERMANENTE

Diretor: Alejandro Bodart

Comitê Editorial: Imran Kamyana - Ezra Otieno
Oleg Vernyk - Sergio García - Douglas Diniz
Rubén Tzanoff - Verónica O'Kelly

Edição: Pablo Vasco - Martín Carcione
Arte e Diagramação: Tamara Migelson
Tradução: Alessandro Fernandes - Alex Fernandes
Revisão: Neide Solimões - Vera Coimbra



Nossas Redes:

www.lis-isl.org/pt

E-mail: ligainternacionalsocialista@gmail.com

Facebook: Liga Internacional Socialista

Instagram: @ligainternacionalsocialista

Twitter: Liga Internacional Socialista @isl_lis

YouTube: Liga Internacional Socialista (LIS)

Os artigos e reportagens não expressam necessariamente as posições da LIS, mas sim de seus autores.

3 Aos nossos leitores

4 A ascensão da extrema direita e as tarefas dos revolucionários

10 Israel, o fascismo em ação

14 O Leste Europeu e a onda da direita: explicações, atualidade e a saída à esquerda

20 Europa: a extrema direita incuba o vírus da barbárie

23 França: um ciclo eleitoral de crescente instabilidade política

26 O soberanismo reacionário na Europa

30 A polarização social e política nos Estados Unidos

34 Uma radiografia sobre Mile

38 Bolsonaro: resultado da desilusão das massas brasileiras com Lula e o PT

41 O experimento Bukele: origens, sua dinâmica e atualidades

44 Do Talibã ao Partido do Povo Indiano: a extrema direita e o fundamentalismo religioso no Sul da Ásia


la montaña
EDICIONES SOCIALISTAS
Perú 439 1°
Buenos Aires
Argentina, C.P. 1067

TODA SOLIDARIEDADE A ALEJANDRO BODART CONTRA O PROCESSO JUDICIAL SIONISTA



No dia 12 de agosto, em Buenos Aires, dará início o julgamento contra nosso camarada **Alejandro Bodart**, dirigente do MST, parte da FIT-U, coordenador da LIS e editor de nossa revista Revolução Permanente. A DAIA (Delegação de Associações Israelitas da Argentina) abriu uma acusação judicial de “antisemitismo” contra Alejandro por suas manifestações de repúdio aos crimes sionistas e sua solidariedade à luta do povo palestino.

Com base na mentirosa definição da Aliança Interna-

cional para a Memória do Holocausto (IHRA), a DAIA e o movimento sionista mundial tentam silenciar de forma totalitária qualquer pessoa ou organização que critique o genocídio que o Estado de Israel está cometendo contra a Palestina.

Contra esse ataque antidemocrático, em defesa da causa palestina e do direito à liberdade de expressão, pedimos e agradecemos o envio de declarações de solidariedade a Alejandro Bodart. E-mail para envio: coordination@lis-isl.org

AOS NOSSOS LEITORES

Este número de nossa revista *Revolução Permanente* se dedicou a um importante tema na cena política internacional, com muitos debates: o inegável crescimento das organizações de extrema direita, que estão chegando aos governos em diferentes países.

A causa essencial do crescimento da extrema direita está ligada à profunda crise capitalista e ao fracasso dos sucessivos governos, tanto da direita tradicional, do reformismo, como do chamado progressismo. Essas experiências não romperam com o capitalismo num momento de crise sem espaço para concessões às massas e pressionando por duros planos de austeridade como cortes salariais, precarização do trabalho e perda de direitos sociais. Ao não romperem com essa lógica, esses governos abriram caminho para a extrema direita, que se apresenta como diferente da velha política e consegue canalizar a agitação social.

Após o avanço da extrema direita nas eleições para o Parlamento Europeu, há quem veja uma

“resposta de esquerda” nas recentes vitórias da Nova Frente Popular francesa e dos trabalhistas britânicos. Infelizmente, não é esse o caso. Ambas as vitórias expressaram a força ainda presente nos setores populares que usaram o voto para barrar Le Pen na França e para pôr fim aos 14 anos de governo conservador na Grã-Bretanha. Mas não há lugar para ilusões sobre os vencedores: são forças políticas do sistema, que já governaram ou fizeram parte várias vezes de governos capitalistas que desiludiram as massas populares e pavimentaram o caminho da extrema direita, que se mantém muito dinâmica. Se os governos recém eleitos repetirem a mesma cartilha, só continuarão a reforçá-la.

Ao longo dos artigos, com uma análise do complexo fenômeno da extrema direita e seus diferentes exemplos em países da América, da Ásia e Europa, aprofundamos sobre os desafios das correntes revolucionárias em enfrentar e derrotar este grande inimigo. 🌐



A ASCENSÃO da EXTREMA DIREITA e as tarefas dos REVOLUCIONARIOS

POR ALEJANDRO BODART



O mundo vive uma polarização de características inéditas. Um de seus elementos, o mais preocupante, mas não o único, é o avanço da extrema direita. No outro lado da barricada, cresce a mobilização dos explorados e oprimidos, mas sem uma direção resoluta para a saída revolucionária. Esse novo despertar de um fenômeno que nos lembra o fascismo, nos aproxima perigosamente da barbárie e desafia a todos nós que acreditamos que um mundo socialista não é apenas possível, é mais urgente e necessário do que antes. Compreender as causas do surgimento e da ascensão dessas organizações políticas ultrarreacionárias é o primeiro passo para a elaboração de uma estratégia que nos permita organizar o enfrentamento, avançar no reagrupamento dos revolucionários e na luta pelos governos dos trabalhadores em escala nacional e internacional.

O crescimento da extrema direita começou com o novo século, mas vem se acelerando nos últimos anos. Segundo alguns analistas¹, essa é a quarta onda da extrema direita desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O que diferencia essa onda de todas as anteriores é que, pela primeira vez, esta

ganhou peso eleitoral de massas, espalhou-se internacionalmente e chegou ao governo de alguns dos países mais importantes do mundo.

Nos EUA e no Brasil, Trump e Bolsonaro governaram até pouco tempo e, embora tenham perdido as últimas eleições, continuam com enorme

influência e é provável que Trump volte ao governo este ano. Desde 2014, com o triunfo do nacionalista hindu Narendra Modi, a extrema direita governa a Índia, o país mais populoso do mundo e, desde o mesmo ano, Recep Erdogan governa a Turquia. Recentemente, o libertário Milei tornou-se presidente da Argentina. No Estado de Israel, o governo chefiado por Benjamin Netanyahu é responsável pelo assassinato em massa do povo palestino.

Nas últimas eleições para o Parlamento Europeu, o crescimento da extrema direita nas principais potências imperialistas chocou o velho continente. Na França, o partido de Marine Le Pen ficou em primeiro lugar no primeiro turno, provocando um terremoto político e, embora tenha sido derrotado no segundo turno das eleições legislativas, seu crescimento é inegável. Na Itália, a coalizão encabeçada por Giorgia Meloni, herdeira do partido de Mussolini, consolidou seu poder, e na Alemanha os neofascistas da *Alternativa para a Alemanha* (AfD) ficaram em segundo lugar. Venceram na Áustria, na Bélgica e se saíram bem em quase todos os países da União Europeia. Além de Meloni na Itália, Viktor Orbán governa a Hungria e forças semelhantes fazem parte de governos de coalizão na Croácia, Eslováquia e na Finlândia. Até pouco tempo atrás, governavam a Polônia. O governo sueco é sustentado pelo apoio externo da extrema direita e, nas últimas eleições parlamentares, venceram na Holanda. O panorama europeu começa a ser muito difícil.

Apesar das importantes diferenças entre o novo fenômeno e o fascismo da Segunda Guerra Mundial, se atualmente conseguir se consolidar e conquistar derrotas significativas contra o movimento dos trabalhadores, pode evoluir para uma forma muito semelhante. Essa via ainda não parece ser a perspectiva imediata mais provável, uma vez que, na atual situação internacional, há um aumento generalizado das lutas dos trabalhadores, das mulheres e das juventudes que, apesar das desigualdades, continuam a dinamizar as lutas, criando dificuldades para os ataques. O outro lado da ascensão da extrema direita é a repulsa que ela provoca em grande parte da população, o que impulsiona a mobilização social para enfrentá-la, como acabamos de ver na França e em quase todos os países onde se manifesta. Até mesmo o Estado genocida de Israel, que é o que mais se aproxima de um Estado fascista, não consegue se estabilizar por causa da resistência heroica do povo palestino

e às extraordinárias demonstrações de solidariedade internacional, especialmente no coração dos impérios dos EUA e na Europa. Mesmo com tudo isso, não podemos minimizar um fenômeno que está em ascensão e que devemos enfrentar unidos nas ruas com iniciativas ousadas para fortalecer a construção de nossos partidos e reagrupar os revolucionários internacionalmente.

SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E DISPUTAS

Embora as várias forças populistas de extrema direita sejam muito heterogêneas, possuem uma base comum que as identifica: são xenóforas, racistas e misóginas. Defendem abertamente a desigualdade social existente como uma questão natural e se opõem ferozmente



a qualquer intervenção do Estado burguês para corrigi-la. São profundamente individualistas, elitistas e meritocráticos. Culpam os indivíduos por serem pobres ou miseráveis e se recusam a fornecer qualquer tipo de ajuda com recursos públicos.

Seu objetivo é acabar com os direitos que foram conquistados em décadas de luta, especialmente os direitos trabalhistas, e reduzir drasticamente os gastos sociais do Estado para reduzir os impostos sobre as empresas e, assim, garantir-lhes superlucros. Para conseguir isso, sabem que precisam derrotar a classe trabalhadora e é por isso que estão tentando avançar com regimes cada vez mais autoritários e repressivos, limitando ou liquidando as liberdades democráticas.

Se apresentam à sociedade com uma série de ideias-forças e respostas simplistas, mas efetivas. Propõem a proibição da **imigração**, que culpam pela perda dos padrões de vida das majorias “nativas”, principalmente na Europa e nos EUA. São

Abascal, Netanyahu, Milei, Orbán, Modi, Bolsonaro, Trump, Le Pen e Meloni

os supostos porta-estandartes da **segurança** e propõem um punho de ferro e o aumento da militarização para “trazer de volta a ordem”, negando qualquer ligação entre a marginalidade forçada e o crime, tentando acabar com o protesto social; outro de seus eixos é a **corrupção**, que eles tentam associar exclusivamente à “classe política” e a alguns grupos que se opõem a extrema direita, evitando relacioná-la aos empresários, aos bancos e a redes de regimes que são corruptos até a medula; defendem políticas **nacionalistas ou uma suposta soberania** em países imperialistas, enquanto em países atrasados ou semicoloniais se apresentam como lacaios do imperialismo.



Outra questão que os une é a **islamofobia**, incentivada por setores do poder após os ataques às Torres Gêmeas, sendo a base do argumento que os leva a defender o Estado de Israel e suas políticas genocidas. Em países com **minorias étnicas**, como a Índia, são profundamente racistas. Estão ligados a diferentes **igrejas e religiões**, atacando o que chamam de *ideologia de gênero* e as conquistas do movimento de mulheres e dos grupos LGBTQ+, como o direito ao aborto e ao casamento igualitário, que acusam de “perverter” a mente dos jovens e destruir a instituição da família. Também rejeitam **os direitos ambientais** para favorecer as empresas extrativistas.

Entretanto, apesar desses acordos, os vários partidos e movimentos de extrema direita têm diferenças entre si. Embora todos se declarem “antissistema” e críticos dos regimes democrático-burgueses ou liberais e, por enquanto, disputem os diferentes governos pela legalidade, se diferenciam entre aqueles que são mais “reformistas” para

realizar as mudanças que propõem e outros que gostariam de atacar rapidamente, embora ainda sejam poucos os que propõem ou tentam impor outros tipos de regimes pela força ou que estão abertamente engajados na organização de grupos paramilitares.

Também há diferenças entre os que se alinham com a Ucrânia e os que se alinharam com a Rússia na guerra, que já dura mais de dois anos. Na Europa, embora afirmem ser eurocéticos e soberanistas, nem todos estão pensando em romper com a União Europeia ou com a OTAN. E, embora a maioria tente se separar discursivamente do fascismo dos anos 1930 para ampliar sua base de apoio, outros se recusam a fazer isso. Todas essas distinções criaram espaços diferentes da extrema direita no Parlamento Europeu. Um deles é o agrupamento de Meloni, que nos últimos tempos tentou uma aproximação com a direita conservadora tradicional. Outro grupo que vem ganhando força é o Patriotas pela Europa (PFE), com referência no húngaro Viktor Orbán, abertamente alinhado a Putin e simpático a Trump, onde se somaram Santiago Abascal, da Vox (abandonando Meloni), a extrema direita holandesa, o bloco de Marine Le Pen e outras forças, incluindo Salvini, do governo de coalizão italiano, tornando-o o espaço mais forte da extrema direita. Há outros espaços com um discurso abertamente fascista, como a Alternativa para a Alemanha, que está formando seu próprio grupo.

Sob o comando de Milei, o discurso do movimento libertário ganhou força. Em regiões da Ásia e no Oriente Médio, a intolerância religiosa vem ganhando força há anos e, onde governa, impõe práticas medievais profundamente autoritárias contra as mulheres e toda a sociedade.

AS CAUSAS

A extrema direita existe há décadas. O importante aqui a ser analisado é por que estão conseguindo conquistar a simpatia de grandes setores das massas e se tornar um fenômeno internacional. Embora muitos fatores tenham convergido, o fator determinante foi a crise capitalista iniciada nos primeiros anos do novo século. Essa crise, em sua magnitude, é comparável às outras grandes crises do capitalismo, que provocaram mudanças históricas, levaram a humanidade a duas guerras mundiais, ao nascimento do primeiro Estado operário na Rússia ou à ascensão do fascismo na Europa, entre outros.

O capitalismo, como sistema, e a democracia burguesa, como mecanismo de dominação, “vitoriosos” após o colapso da URSS na década de 1990, e que os ideólogos da classe dominante previam que duraria para sempre, começaram a entrar em decadência em poucos anos.

Em 2008, a crise econômica que eclodiu foi a mais grave desde a Grande Depressão da década de 1930. As dificuldades dos trabalhadores e dos setores populares se aprofundaram para níveis insuportáveis. O desespero dos setores de massa em inúmeros países semicoloniais causou uma crise migratória sem precedentes. O extrativismo desenfreado produziu catástrofes socioambientais que continuam se agravando. Os cortes nos orçamentos públicos levaram a uma crise na saúde, cujo resultado mais trágico foi uma pandemia da Covid-19 que forçou a população mundial a entrar em confinamento por meses.

Tudo isso significou que a “democracia”, que nas décadas da guerra fria contra a burocracia stalinista foi uma arma muito importante da propaganda capitalista, aparentemente tornou-se uma casca vazia para a grande maioria da humanidade. Os anos de implementação de planos neoliberais e o aprofundamento das desgraças sociais levaram à crise os antigos partidos que historicamente se alternavam no poder. Assim, o discurso hegemônico que o imperialismo e as burguesias haviam conseguido impor entrou em crise. Até mesmo a hegemonia imperialista dos EUA começou a ser disputada.

UMA OPORTUNIDADE À ESQUERDA DESPERDIÇADA

No início, essa nova situação gerou enormes conflitos sociais e o surgimento de diferentes organizações populistas de esquerda em nível internacional. Na América Latina, desenvolveu-se um novo nacionalismo, pequeno-burguês, mas não vinculado aos setores burgueses tradicionais, tendo Chávez na Venezuela como principal referência, e variantes de centro-esquerda ou populistas chegaram ao poder em grande parte do continente. A onda chegou aos EUA, onde a figura de Bernie Sanders cresceu e uma pequena organização dentro do Partido Democrata, os Socialistas Democráticos da América (DSA), ficou tomado de jovens que se definiam como socialistas. Na Europa, o Syriza virou uma referência internacional de uma nova esquerda reformista, com um discurso radical, que começou a superar a velha social-democracia e teve expres-

sões semelhantes em quase todo o velho continente. As limitações programáticas de classe de todas essas direções, atuando no meio da crise capitalista já aguda, fizeram com que, em vez de tomar medidas anticapitalistas para combatê-la, quando chegaram ao governo, acabaram indo contra o movimento de massas, continuando a aplicar ataques e planos de austeridade projetados pelo FMI e pelo Banco Mundial, ampliando as dificuldades dos trabalhadores. Veio o fracasso de todas essas experiências, provocando uma enorme desmoralização. A marginalidade de toda a esquerda revolucionária, o sectarismo de alguns e o oportunismo de outros, fez com que não se apresentasse como uma alternativa que interrompesse esse curso em nenhum país. Embora estivesse à frente de algumas iniciativas importantes no Brasil, na França e na Argentina, somente a Frente de Esquerda e de Trabalhadores - Unidade (FIT-U) argentina conseguiu manter um certo grau de influência e permanecer firme com seu programa.



O PÊNULO SE MOVE À DIREITA

O fracasso do novo reformismo nos primeiros anos do século XXI e a fraqueza da esquerda revolucionária significaram que a oportunidade de dar os primeiros passos na superação das confusões na consciência, pelo colapso da URSS, foi perdida. Na verdade as confusões foram agravadas. Com o fracasso do antigo e do novo reformismo de esquerda, a extrema direita começou a ter um terreno fértil.

As incertezas, os ceticismos e as desconfianças sobre tudo o que existia se ampliaram. A mídia alternativa foi o canal para a disseminação de todos os tipos de ideias malucas e mentiras, que

começaram a ter mais credibilidade do que as notícias das instituições da democracia degradada, dos partidos que governam ou haviam governado, das autoridades científicas e da mídia supostamente “confiável” que, por sua vez, era responsável por transmitir as ideias de uma burocracia estatal corrupta e decadente. A extrema direita foi capaz de usar as redes e a mídia alternativa para propagar sua saída fácil e disputar as massas.

O fato de a maioria da população latino-americana e europeia não ter sofrido as consequências das ditaduras da década de 1970 ou do fascismo nas décadas seguintes facilitou as coisas.



Conseguiram influenciar um setor de jovens que não conseguiu aceitar os avanços nos direitos das mulheres, além de setores empobrecidos da classe média, trabalhadores informais sem nenhum direito e setores muito atrasados da classe trabalhadora.

Percebendo que a extrema direita ganhava peso, setores da burguesia e do próprio imperialismo, atingidos por uma crise que parece não ter fim, começaram a financiá-los, apostando que conseguiriam o que outras lideranças não conseguiram: derrotar a classe trabalhadora, acabar com suas conquistas históricas e começar a recuperar as taxas de lucro de antes.

O giro à direita de setores populares não fortaleceu apenas a extrema direita, também acompanhou uma mudança ainda maior para as forças políticas tradicionais, que estão tentando aproveitar a onda desse segundo momento do novo século.

OS TRABALHADORES RESISTEM

Mas o crescimento dessas expressões ultrarreacionárias não é o único fenômeno do período. O

outro é a luta feroz dos trabalhadores contra os ataques ao padrão de vida e em defesa dos direitos econômicos, sociais e democráticos; de rebeliões de povos inteiros contra seus opressores, de grandes mobilizações das mulheres e das juventudes. Vimos rebeliões, levantes, greves gerais e milhões de pessoas nas ruas em um grande número de países em todos os continentes. A mais recente aconteceu no Quênia.

Estamos presenciando um mundo radicalmente polarizado, onde um fenômeno alimenta o outro. As expressões de direita e extrema direita geram radicalização e rejeição em outros setores da sociedade, que estão prontos para combatê-las em todas as áreas, com tudo o que têm ao alcance das mãos. Acabamos de ver isso na França, onde o perigo de uma vitória do Reagrupamento Nacional mobilizou milhões que conseguiram reverter os resultados do primeiro turno. Na Alemanha, milhões se mobilizaram contra a ameaça da Alternativa para a Alemanha, de extrema direita. Em Portugal, o 50º aniversário da Revolução dos Cravos foi o canal para uma mobilização extraordinária em resposta ao crescimento dos fascistas do Chega. Na Argentina, duas greves gerais e milhares de pessoas nas ruas abriram o combate ao liberfascista Milei. Situações semelhantes se repetem em quase todos os países onde a extrema direita avança.

Onde quer que eles governem, a resistência dos trabalhadores se multiplica e, como não conseguem derrotar a classe trabalhadora e resolver os problemas que os levaram ao poder, recuam e perdem as eleições, como já aconteceu nos EUA, no Brasil e recentemente na Polônia, embora em todos esses países a extrema direita seja um fenômeno ainda permanente.

AS TAREFAS DOS REVOLUCIONÁRIOS

As diferentes variantes políticas da burguesia e, principalmente, a extrema direita, que atacam globalmente nossos direitos e liberdades democráticas, devem ser confrontadas e derrotadas nas ruas, com os métodos da classe trabalhadora. É errado subordinar a mobilização a possíveis e futuras vitórias eleitorais, como propagam os reformistas. Mesmo quando as forças da direita clássica ou da centro-esquerda conseguem derrotar a extrema direita eleitoralmente, como aconteceu nos EUA com Biden, no Brasil com Lula ou na França com a Nova Frente Popular, a extrema di-

reita não desaparecerá e se alimentará das novas traições para continuar atuando e, quando puder, voltar ao poder.

Para construir a mobilização mais massiva possível e, onde houver condições, uma greve geral, nós, revolucionários, temos que desenvolver a mais ampla **unidade de ação e frente única**, sem nos subordinarmos às direções reformistas ou burocráticas que também chamamos para a mobilização, nem nos esquecermos de criticar suas contradições. Devemos nos mover sem qualquer tipo de sectarismo e dialogar fraternalmente com as bases das outras organizações, sem cair no oportunismo de nos adaptarmos às posições equivocadas de seus dirigentes. Ao mesmo tempo, é essencial incentivar a coordenação entre os setores mais militantes para que atuem como um bloco único. Onde a extrema direita tem grupos organizados que atuam, é fundamental estar na vanguarda pela organização da autodefesa. Lembrando sempre que o fascismo ou seus discípulos não devem ser só contestados: devem ser combatidos até serem derrotados.

Uma das grandes debilidades da etapa, apesar da combatividade de nossa classe, é a ausência de direções revolucionárias com influência de massas. O problema da direção não é apenas sindical: é essencialmente político. **A tarefa histórica mais importante que temos para agora é construir partidos socialistas revolucionários fortes e uma internacional que seja um polo de reagrupamento.** É possível dar passos nessa direção se aproveitarmos as pequenas e grandes oportunidades que a luta de classes nos oferece. Devemos explicar pacientemente aos melhores ativistas que eles não devem se deixar enganar novamente pelo canto da sereia dos reformistas que, diante do avanço da extrema direita, que os próprios reformistas abriram caminho, estão propondo as mesmas velhas receitas: unir-se no último vagão das frentes sem princípios, com um programa de reformas superficiais e a recusa em construir a luta contra o sistema, onde o reformista nunca enxerga as condições.

O sistema capitalista está em plena decomposição e, se não o enterrarmos, nos levará rapidamente à barbárie. O fato de a extrema direita e o fascismo estarem novamente ganhando terreno é um sinal evidente de que esse processo já começou. Impedir que ele continue avançando é fundamental não apenas para garantir uma vida digna para toda a humanidade, mas também para

evitar que novas guerras fratricidas e a degradação da natureza cheguem a um ponto sem volta.

O único sistema alternativo à barbárie capitalista é o socialismo. Estamos falando do socialismo de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, não da caricatura burocrática que a URSS se degenerou sob o stalinismo. Nem das farsantes ditaduras capitalistas na Venezuela e na Nicarágua, que sujam o nome do socialismo. Muito menos dos que tentam vender como alternativas ao imperialismo ocidental pelo “campo” da esquerda: China ou Rússia, países que se tornaram imperialistas com regimes que não têm nada a invejar às piores ditaduras burguesas.



O socialismo pelo qual vale a pena lutar é aquele que os trabalhadores governam com conselhos e tudo é decidido democraticamente. Onde a riqueza produzida permita aproveitar a vida, o tempo livre e onde ninguém viva do trabalho ou da opressão sobre os outros. Um mundo onde todos os países são livres para se determinar.

Para lutar por esse tipo de sociedade, é essencial nos organizarmos em nível nacional e internacional, nos reagruparmos como verdadeiros revolucionários e lutarmos até a vitória! 🇺🇸

1. Cas Mudde, acadêmico holandês, professor da Universidade da Geórgia e associado do Centro de Pesquisa sobre Extremismo da Universidade de Oslo, é um dos intelectuais que mais analisa a extrema direita.

Apresentamos aos leitores dois textos de Leon Trotsky:

As táticas da Frente Única



Trotsky sobre a Frente Única



ISRAEL, O FASCISMO em ação

POR PABLO VASCO



Nascido como um enclave colonial pró-imperialista, Israel tem o DNA fascista. É um Estado supremacista, teocrático e militarista desde sua criação, sendo responsável pela limpeza étnica e genocídio contra o povo palestino. Agora, sob a liderança do extrema direita Benyamin Netanyahu, o Estado sionista é o principal representante fascista do mundo.

No final do século XIX, vários governos na Europa usaram o antissemitismo para dividir a classe trabalhadora. Isso deu origem ao sionismo, uma corrente política construída por setores burgueses judeus para impedir que trabalhadores e a juventude judaica se unissem a partidos revolucionários. Enquanto a esquerda propunha a integração e a assimilação da minoria judaica em cada país, o sionismo transformou uma crença religiosa em uma ideologia identitária nacionalista.

Em 1896, Theodor Herzl, fundador do movimento sionista, publicou seu livro *O Estado Judeu*. Para criar este Estado, Herzl chegou a considerar a Argentina e a Palestina, sobre esta última, afirmou: “Para a Europa, formaríamos uma parte integrante do baluarte contra a Ásia: ... constituiríamos a vanguarda da cultura na luta contra a barbárie”¹. Em seu *Diário*, falsificou a história: “Toda a Palestina fala de nosso plano nacional porque somos os senhores históricos do país”².

O filme *O ovo da Serpente* (1977), de Ingmar Bergman, sobre o nazismo e o nacionalismo supremacista, mostra como a origem sionista surgiu de uma criatura fascista. Os primeiros congressos sionistas consolidam o mito de um *povo escolhido* e de uma *terra prometida* para colonizar a Palestina, incentivando a imigração judaica.

O primeiro congresso, em 1897, aprova o “estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu na Palestina” e funda a Organização Sionista Mundial. No segundo congresso, criaram o Banco Colonial Judeu, para comprar terras na região e fixar colonos. No terceiro congresso reafirmaram o “direito” e, em Jaffa, criaram a Companhia Anglo-Palestina³ de investimentos econômicos. No quarto congresso, em Londres, buscaram o apoio britânico. No quinto, criaram o Fundo Nacional Israelense⁴ para administrar as terras já roubadas. No sexto, debateram entre duas opções: o Sinai egípcio ou a oferta britânica de Uganda e do Quênia. Em 1905, o Sétimo Congresso reafirmou a Palestina, com a cínica palavra de ordem “uma terra sem povo para um povo sem terra”.

Em 1917, a Palestina passou do domínio otomano para o domínio britânico. No interesse desse poder, o chanceler Arthur Balfour declarou: “O governo de Sua Majestade saúda o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu”.

Assim, com o apoio da Liga das Nações e com os EUA como o imperialismo hegemônico do mundo, foi reconhecido o genocídio cometido anos depois. Em maio de 1948, o sionismo fundou Israel ao custo de 531 vilarejos palestinos destruídos, 15 mil pessoas mortas, 750 mil pessoas expulsas com suas terras roubadas. Para o povo palestino, é a *Nakba*, a catástrofe, que continua.

IMPERIALISMO, MILITARISMO, RACISMO E TOTALITARISMO

Leon Trotsky, em 1933, descreveu o regime nazista da seguinte forma: “*Para se elevar acima da história, a nação recebe o apoio da raça... Suas tarefas são atribuídas pelo capital monopolista. A concentração compulsiva de todas as forças e recursos do povo no interesse do imperialismo - a verdadeira missão histórica da ditadura fascista - significa a preparação para a guerra; e essa tarefa, por sua vez, não tolera nenhuma resistência interna e leva a uma concentração ainda maior do poder*”⁵. Assim como o nazismo se autodenominava *nacional-socialismo*, o sionismo usava um verniz “socialista” com o *ki-butz* e o trabalhismo. Mas são os atributos fascistas que caracterizam Israel, o único colonialismo de assentamento do mundo, com as características:

- **Imperialista:** são aliados fiéis dos EUA. Além das remessas do poderoso lobby sionista local, Israel recebe cerca de 3,2 bilhões de dólares por ano em dinheiro não reembolsável da Casa Branca, grande parte para a compra de armamentos. Dessa forma, desempenha o papel de *gendarme* imperialista no Oriente Médio contra os povos árabes, enquanto nos fóruns internacionais os EUA obstruem quaisquer sanções ou votos contra Israel.
- **Militarista:** Israel é o Estado mais militarizado do planeta⁶. Entre 200 países, é o 10º maior importador e o 9º maior exportador de armas. É o 93º em população, mas o 17º em poder de fogo⁷ e possui um arsenal nuclear. O serviço militar obrigatório - fundamental para o emprego e proibido aos árabes por “razões de segurança” - é o mais longo do mundo: quase 3 anos para os homens e 2 para as mulheres. Os gastos militares representam 12% do total. O país tem 200 mil soldados e 500 mil reservistas: 10% da população judaica.
- **Racista:** a *lei do retorno* concede residência ao

imigrante judeu e a nega ao refugiado palestino. A lei *de ausência* permite o confisco de casas de palestinos expulsos e a lei *de terras* impede que os palestinos aluguem terras. A lei *de cidadania* nega a cidadania ao cônjuge de um israelense se ele ou ela vier do território palestino. De acordo com a *lei do Estado-nação*, Israel é a *pátria judia* (teocracia), os assentamentos são um *valor nacional* e somente o hebraico é o idioma oficial. Para os crimes de segurança, um judeu vai para o tribunal civil, mas um palestino vai para o tribunal militar. Isso implica em *apartheid* orgânico, em uma limpeza étnica e um genocídio sem fim contra os palestinos

- **Totalitária:** Israel viola as normas internacionais e as resoluções da ONU, nega a divisão de Jerusalém com a Autoridade Palestina, declarando sua capital “completa e unificada”. Seus cidadãos árabes, trabalhadores palestinos e funcionários “convidados” temporários têm menos direitos. O país só concede status civil a casamentos judaicos e não há transporte público aos sábados. Além das forças armadas, da polícia e dos guardas na fronteira, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental abrigam cerca de 700 mil colonos, em sua maioria armados, uma força paramilitar sionista. Netanyahu busca proibir os partidos árabes e subordinar o judiciário ao parlamento sob o seu controle.

NETANYAHU, FRUTO DO SIONISMO

Desde sua fundação em 1948, Israel não parou de avançar sobre o território palestino e de encurralar o povo palestino com métodos de guerra civil. É por isso que a solução de *dois Estados* é uma ficção total. Não há paz ou coexistência possível com um Estado vizinho que é assassino em série. Nesses 76 anos, a narrativa sionista, infelizmente dominante em Israel, não mudou:

Para os sionistas, os palestinos são *sub-humanos*, assim como os nazistas consideravam os judeus *sub-humanos*. É por isso que a acusação de que o *antisionismo* é igual ao *antisemitismo* é hipócrita. A essa matriz de Estado fascista, nos últimos anos, foram adicionadas a crise interna israelense, a crise econômica internacional desde 2008 e a polarização, onde o pêndulo político desigual está principalmente à direita. Essa combinação fortaleceu a extrema direita israelense, que avança desde 2009. Em novembro de 2022, Netanyahu, líder

	ONTEM	HOJE
Expansionismo	“Depois de nos tornarmos uma potência como resultado da criação de um Estado, aboliremos a divisão e nos expandiremos por toda a Palestina” ⁸ (David Ben-Gurion, líder trabalhista sionista e 1º primeiro-ministro)	“Não vou comprometer o controle total da segurança israelense sobre toda a área a oeste da Jordânia, e isso é contrário a um Estado palestino.” ⁹ (Benjamin Netanyahu)
Militarismo	“As fronteiras de nosso Estado serão definidas pelos limites de nossa força” (Yisrael Galili, comandante terrorista sionista, ex-ministro do governo). “Possuímos o direito de decidir sobre nossas fronteiras de acordo com nossas necessidades defensivas” ¹⁰ (Yigal Alon, general e líder trabalhista).	“Somente Israel controlará a Faixa de Gaza. Em Rafah, haverá uma guerra total até o fim. Não podemos terminar sem uma guerra no norte [Líbano], temos que entrar em campo e começar a luta lá” ¹¹ (Itamar Ben-Gvir, Ministro da Segurança Nacional)
Supremacismo	“É impossível que um judeu nascido em uma família de puro sangue judeu possa ser adotado pela perspectiva espiritual de um alemão ou de um francês” ¹² (Zeev Jabotinsky, líder do revisionismo, a ala de extrema direita). ¹³	“A raça judaica é a mais inteligente e tem o maior capital humano... Fomos abençoados por Deus, somos o povo escolhido.” ¹⁴ (Miki Zohar, deputado do Likud).
Racismo	“Os palestinos são animais que andam sobre duas pernas” ¹⁵ (Menachem Begin, líder paramilitar sionista, ex-primeiro-ministro).	“Estamos lutando contra animais humanos” ¹⁶ (Yoav Gallant, Comandante do Comando Sul e Ministro da Defesa).

do Likud, venceu as eleições em aliança com seis partidos religiosos fundamentalistas. O Likud é o resultado de uma fusão em 1988 com o Herut, um partido ultrassionista criado em 1948.

- Já naquela época, Albert Einstein, Hannah Arendt e outras personalidades judaicas progressistas denunciaram claramente o Herut: “Muito semelhante em sua organização, métodos, filosofia política e apelo social aos nazistas e partidos fascistas”¹⁷.
- Em 2018, o renomado historiador israelense Zeev Sternhell, ex-chefe do Departamento de Ciência Política da Universidade Hebraica de Jerusalém, chamou Israel de “fascismo crescente e racismo semelhante ao início do nazismo”¹⁸.
- Há alguns meses, o ex-chanceler Ben-Ami cha-

mou o Likud de “uma seita de crentes indistinguíveis de seus aliados no ‘sionismo religioso’” e “o componente mais refinado do fascismo teocrático que atualmente domina o governo de Netanyahu”¹⁹.

A ONU pediu um cessar-fogo e Biden propôs um plano difícil para ambos os lados. Netanyahu, por sua reforma judicial e pela forma como ataca Gaza e Rafah, tem forte oposição interna e dissolveu seu gabinete de guerra²⁰. Mesmo assim, continua sua ofensiva, incluindo no Líbano, caso contrário, pode perder o poder. Mas sua estratégia criminoso contra a Palestina pode ser um tiro pela culatra. Israel foi denunciado por *genocídio* perante o Tribunal Penal Internacional e vários governos e Estados romperam relações. Ao mesmo tempo, está gerando repúdio e ações massivas das juventudes nos EUA, na Europa e em outros países em solidariedade ao povo palestino, em uma onda que lembra o grande movimento contr a guerra do Vietnã da década de 1970. Do outro lado da cerca, se o fascismo do século passado era bastante antisemita, hoje a extrema direita é pró-sionista e antipalestina, como o presidente argentino Milei, entre outros.

FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

Assim como a URSS, em 1948, foi o primeiro país a reconhecer Israel, juntamente com os EUA, os partidos comunistas também capitularam. O mesmo fizeram as burguesias dos países árabes, “normalizando” os laços com Israel. O mesmo aconteceu com a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), movimento político-militar dirigido por Yasser Arafat, que em 1993 assinou os Acordos de Oslo sob a tutela dos EUA, reconhecendo o Estado sionista e abandonando sua luta histórica por uma *Palestina livre, laica e democrática do rio ao mar*.

Essa enorme traição abriu caminho para uma nova direção de resistência palestina no calor das intifadas: o fundamentalismo islâmico, com o *Hamas* e outras organizações. Vale a pena lembrar que, em sua década inicial, o *Hamas* foi financiado pelo sionismo para substituir a OLP. Assim, o ultra-islamismo foi fortalecido na Palestina e em todo o Oriente Médio pelo regime teocrático dos aiatolás que governam o Irã desde 1979. Mesmo que o Irã esteja em desacordo com Israel, nenhum caráter progressista pode ser atribuído a uma ditadura capitalista e islâmica, que oprime os trabalhadores, jovens, mulheres, pessoas LGBTQ+ e a minoria curda.

Com o mesmo líder supremo há 35 anos, um Conselho de Anciãos que valida ou não candidaturas, um sistema de justiça baseado na *Sharia* - a mais rígida lei islâmica - e uma “polícia da moralidade” que pune as mulheres que não usam o *hijab* em público, assassinando a jovem Mahsa Amini, o regime político capitalista iraniano é despótico. Após a morte de seu presidente Ebrahim Raisi, responsável por milhares de mortes, surgiu uma luta interna entre os diferentes setores [o episódio mais recente foi a eleição do reformista Masoud Pezeshkian para Presidente].

Em seus próprios interesses, o Irã manipula a causa palestina, apoia o Hamas em Gaza, o Hezbollah no Líbano e os rebeldes Houthi no Iêmen, onde a Al Qaeda também atua. Outras ramificações do fundamentalismo islâmico são o regime fanático do Talibã no Afeganistão e outros grupos jihadistas, todos contrarrevolucionários: Boko Haram (Nigéria), Al Shabab (leste da África) e o ISIS (fronteira afgã-iraniana e Sahel africano), em declínio.

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA É A ÚNICA SOLUÇÃO

A política de *dois Estados*, que a ONU e alguns governos e setores políticos ainda defendem, na prática fracassada, de estabelecer um único Estado israelense-palestino democrático, laico e binacional no âmbito desse sistema capitalista em crise é uma utopia. Por outro lado, o projeto político do *Hamas* de uma Palestina capitalista e muçulmana também não é uma solução e, desde 2017, aceita as fronteiras de 1967, ou seja, de coexistir com Israel.

A única saída eficaz é desmantelar o Estado sionista em suas raízes, garantir o direito de retorno dos refugiados palestinos, recuperar as moradias e as terras agrícolas necessárias e planejar democraticamente a economia a serviço das maiorias. Como bem disse o trotskista palestino Jabra Nicola: *“A revolução socialista árabe vitoriosa significa a derrota do sionismo e a derrubada de toda a estrutura do Estado sionista, o fim da dominação e da influência imperialista no Oriente Árabe e a restauração dos direitos dos árabes palestinos.”*²¹

Essas tarefas envolvem o confronto com os interesses do imperialismo e das burguesias árabes da região. É por isso que nossa estratégia é a luta por uma *Palestina única, laica, democrática, não racista e socialista* como parte do processo revolucionário para uma federação livre de re-

públicas socialistas do Oriente Médio. Somente com uma Palestina livre será possível construir de forma democrática a integração dos judeus que concordam em viver lado a lado, em paz e com direitos iguais aos árabes.

Como Trotsky afirmou em 1937: *“Uma democracia socialista não recorrerá à assimilação obrigatória. É bem possível que, dentro de duas ou três gerações, as fronteiras de uma república judaica independente, como as de muitas outras regiões nacionais, sejam apagadas... Os mesmos métodos de solução da questão judaica, que sob o capitalismo decadente têm um caráter utópico e reacionário (o sionismo), sob o regime de uma federação socialista adquirirão um significado verdadeiro e saudável”*²². 🌍

1. Theodor Herzl. El Estado judío [O Estado judeu]. Buenos Aires: Organización Sionista Argentina, 2004. p. 46.
2. Idem, p. 115.
3. Bank Leumi a partir de 1950, o principal banco de Israel.
4. Financia até hoje os assentamentos sionistas ilegais na Cisjordânia.
5. Leon Trotsky. O que é o nacional-socialismo?. 10 jun 1933. Disponível em: marxist.org
6. Índice global disponível em: www.bicc.de
7. Ver em: www.globalfirepower.com
8. Pronunciado em 1938. Em: Paul D'Amato. Los orígenes racistas del estado israelí [As origens racistas do Estado israelense]. 2006. Disponível em: socialistworker.org
9. Disponível em: <https://x.com/netanyahu/status/1748764135716749568>
10. Disponível em: Shlomo Ben-Ami. *Scars of War, Wounds of Peace* [Cicatrizes da Guerra, Feridas da Paz], Oxford University Press, 2006.
11. Ministro ultraderechista israelí: “A mí personalmente me gustaría vivir en Gaza” [Ministro israelense de extrema direita: “pessoalmente gostaria de viver em Gaza”]. Disponível em: swissinfo.ch
12. Declaração de Independência do Estado de Israel. 14 mai 1948.
13. *Carta sobre a Autonomia*, 1904. Em: Lenni Brenner; *The Iron Wall* [A muralha de ferro], Zed Books (Londres, 1984), p. 29.
14. “Los más inteligentes del mundo”: Un legislador israelí proclama la supremacía de la “raza judía” [“Os mais inteligentes do mundo”: legislador israelense proclama a supremacia da ‘raça judaica’]. 14 jun 2018. Disponível em: actualidad.rt.com
15. *Begin and the Beasts*. Revista britânica *New Statesman*, 25/6/82.
16. Israel-Palestine war: ‘We are fighting human animals’, Israeli defence minister says [Guerra Israel-Palestina: “Estamos lutando contra animais humanos”, diz o ministro da defesa israelense]. 9 out 2023. Disponível em: middleeasteye.net
17. Letter to the New York Times [Carta ao New York Times sobre a visita de Menachem Begin aos EUA]. 1948. Disponível em: marxists.org
18. Zeev Sternhell. In Israel, Growing Fascism and a Racism Akin to Early Nazism [Em Israel, o fascismo crescente e um racismo semelhante ao início do nazismo]. 19 jan 2018. Disponível em: haaretz.com
19. Aleardo Laría Rajneri. La acusación de antisemitismo [A acusação de antisemitismo]. 3 dez 2023. Disponível em: elcoheteealaluna.com
20. Soma-se outra crise, pois a Corte ordenou o recrutamento dos hereditários ultraortodoxos, cujos partidos deixariam o governo.
21. A. Said (Jabra Nicola). Theses on the revolution in the Arab East [Teses sobre a revolução na Arábia Oriental]. 1972. Disponível em: matzpen.org
22. Leon Trotsky. On the Jewish Problem [Sobre o problema judaico]. 1937-1940. Disponível em: marxista.org

O LESTE EUROPEU e a ONDA DE DIREITA: explicações, atualidade e a SAÍDA À ESQUERDA

POR OLEG VERNIK



A tendência de fortalecimento das forças de direita e de extrema direita no Leste Europeu tem se popularizado, analisado por estudos sérios e também por inúmeras especulações, muitas vezes inescrupulosas, sobre esse fenômeno. É fundamental que o leitor socialista se aprofunde sobre este tópico para entender as explicações atuais e encontrar a saída política à esquerda. Muitas vezes, as forças de esquerda no Leste Europeu simplesmente não

É evidente que a fraqueza e a insuficiência das forças verdadeiramente socialistas nessa região do mundo afetam diretamente o equilíbrio político atual. E aqui é importante destacar uma das principais teses de nossa análise: **o atual crescimento e fortalecimento da influência da direita e da extrema direita no Leste Europeu, bem como a fraqueza das forças**

socialistas nessa região, têm causas comuns, estão intimamente ligadas e entrelaçadas. Tentaremos apontar algumas.

O COLAPSO DO STALINISMO RESULTOU NUM GIRO À DIREITA. O DISCURSO LIBERAL FOI SUBSTITUÍDO PELO CONSERVADOR DE DIREITA.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, quase todo o Leste Europeu foi tomado pelas chamadas *democracias populares* que, de uma forma ou de outra, copiaram a estrutura econômica e política da URSS. Stalin aproveitou a presença do exército soviético nos países do Leste Europeu para exercer uma influência decisiva no resultado da luta política do pós-guerra nesses países. Os partidos stalinistas, que contavam tanto com o apoio de amplos

setores da classe trabalhadora quanto com o apoio do exército, derrotaram os partidos burgueses nas eleições parlamentares e estabeleceram seu poder político. A estrita subordinação desses partidos às políticas de Moscou e o abandono das ideias da democracia dos trabalhadores formaram quase que imediatamente um modelo de “Estados operários deformados”. É importante observar que, na verdade, não ocorreu nenhuma “deformação”, pois inicialmente não houve nenhuma revolução anticapitalista e operária no país, e os modelos stalinistas foram implementados inicialmente com as baionetas do exército.

Não é segredo que, **contra a presença do exército soviético e dos regimes stalinistas, as massas trabalhadoras gradualmente começaram a percebê-los como ocupantes.** Esses sentimentos se intensificaram especialmente nos países do chamado Pacto de Varsóvia (criado em 1955 sob o controle da URSS contra o bloco imperialista ocidental da OTAN), após a destruição da revolução operária húngara (1956) pelo exército soviético e a invasão da Tchecoslováquia para restaurar o controle local do Partido Comunista de Moscou (1968).

O modelo burocrático de uma economia planificada, que era uma cópia da URSS, não permitiu que os regimes stalinistas do Leste Europeu mostrassem qualquer vantagem sobre as economias capitalistas em rápido desenvolvimento da Europa Ocidental. O atraso acentuado no desenvolvimento econômico e no padrão de vida da população nos países do Leste, em comparação com o lado Ocidental, aumentou consideravelmente os sentimentos já críticos em relação aos regimes stalinistas sob o poder das baionetas de seu exército. Infelizmente, foram as ideias liberais-burguesas que se espalharam amplamente entre as massas naquela época. A *perestroika*, anunciada por Mikhail Gorbachev na URSS em 1985, permitiu que as massas quase instantaneamente, no final da década de 1980 e no início da década de 1990, varressem os regimes stalinistas autoritários do Leste Europeu e iniciassem a restauração do capitalismo.

É importante observar que o processo em muitos dos antigos países do Pacto de Varsóvia acabou sendo como um balde de água fria sobre a cabeça das massas, e as ilusões sobre o

capitalismo evaporaram rapidamente. Muitas vezes, a restauração do capitalismo foi acompanhada pela destruição de setores inteiros que antes eram voltados para o mercado da URSS. O desemprego em massa da população levou milhões de jovens trabalhadores a procurar emprego nos países da Europa Ocidental. A crescente depressão psicológica social e a desilusão com o capitalismo começaram gradualmente a assumir características conservadoras, a influência da Igreja cresceu, a clericalização da população aumentou e os sentimentos nacionalistas e de extrema direita se intensificaram.

A entrada dos antigos países do Pacto de Varsóvia na União Europeia também foi acompanhada, desde o início, por um nível mais alto de ilusões e expectativas dos países do Leste Europeu. Mas, logo ficou claro que as regras da União Europeia são determinadas, em primeiro lugar, pelos interesses do capital nos principais países da Europa Ocidental. E nem todos os países do Leste Europeu estão dentro da esfera de interesses dos principais capitalistas ocidentais. Mais uma vez, os chamados países das “jovens democracias europeias” se viram em uma situação econômica extremamente difícil que afetou os sentimentos políticos de seus eleitores.

O fenômeno político do “euroceticismo” começou gradualmente a se transformar na consciência das massas em formas extremas de nacionalismo, clericalismo, segurança conservadora e tradicionalista. Por sua vez, fez com que muitos políticos populistas burgueses do Leste Europeu se afastassem do discurso político liberal em direção ao populismo de direita.

Como parte desse “giro”, os populistas trouxeram problemas objetivos para as grandes massas. Por exemplo, o líder populista de direita da Hungria, **Viktor Orbán**, declarou guerra ao especulador e representante do capital financeiro global **George Soros**, que é de origem húngaro-judaica. Soros, como ator global transcontinental, criou o conceito de *sociedade aberta*, que permite que os governos locais e as capitais sejam colocados sob o controle do capital globalizado. Por sua vez, Orbán implantou a política de “desenvolvimento independente da Hungria” e complicou significativamente suas relações com os círculos

los dominantes da burocracia pan-europeia da UE. Como a classe trabalhadora húngara estava decepcionada tanto com a restauração do capitalismo quanto com a adesão à UE, apoiou amplamente as políticas populistas de direita de Orbán, **que é o primeiro-ministro da Hungria desde 2010.**

Durante o mandato de Viktor Orbán, a influência religiosa no país foi impulsionada: foi adicionada na Constituição uma cláusula de que o povo húngaro é unido por Deus e pelo cristianismo. Isso, por sua vez, tornou-se um pré-requisito para a subsequente proibição legislativa do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sob o governo de Orbán, monumentos em homenagem a **Miklós Horthy**, regente do reinado da Hungria e aliado da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, foram erguidos para substituir os monumentos demolidos dos líderes stalinistas. O governo também aprovou uma série de leis que complicaram muito a vida da minoria romani (cigana). Foi permitido o uso generalizado de armas de fogo (supostamente «para autodefesa»), o que fortaleceu as organizações paramilitares da extrema direita, com forte orientação anticigana.



O apoio tradicional de Orbán à política externa imperialista de Vladimir Putin também não pode ser explicado apenas pelo alto grau de dependência da economia húngara em relação aos recursos energéticos da Federação Russa. Ambos os líderes estão unidos por pontos de vista conservadores de direita com “valores tradicionais”, “uma família forte”, a Igreja, o anticomunismo e o ódio às pessoas LGBT+.

Processos semelhantes de fortalecimento do discurso público e oficial ultraconservador também podem ser observados na Polônia. Durante décadas, uma das principais forças políticas foi o **Partido Lei e Justiça (PiS)**, que aderiu a uma orientação ideológica nacional-conservadora com fortes elementos religiosos e laços estreitos com a Igreja Católica.

O Partido Lei e Justiça venceu as eleições pela primeira vez em **2005**, declarando-se uma alternativa contra a “poderosa elite esquerdista e liberal”. De acordo com seus ideólogos, a Polônia deve se libertar não apenas do legado negativo do “passado socialista”, mas também dos valores duvidosos da sociedade liberal das últimas duas décadas. Em sua prática política, defendem os valores europeus e poloneses das tradições cristãs. Os dois presidentes que representaram esse partido foram **Lech Kaczynski** e **Andrzej Duda**. Sob forte pressão do governo, **em 22 de outubro de 2020, o Tribunal Constitucional proibiu o direito da mulher ao aborto** em caso de má formação ou doença incurável no feto, o que representa aproximadamente 98% do número total de abortos na Polônia.

Diferentemente de seus parceiros conservadores húngaros de direita, o Partido Lei e Justiça tradicionalmente segue uma política antirrusa baseada no cultivo da memória da derrota do avanço do Exército Vermelho de Tukhachevsky em 1920, próximo de Varsóvia, pelas tropas polonesas. O PiS depende da Igreja Católica mais forte da Europa que, durante os anos de governo stalinista, era vista pelas grandes massas como um centro reacionário moral contra a “ocupação comunista”.

A crescente influência das forças políticas populistas de direita nos países do Leste Europeu e a fraqueza do campo político socialista têm uma causa comum: o legado contrarrevolucionário do stalinismo, que por muitos anos desconstruiu uma alternativa de esquerda na consciência das massas. **Lá, os “Estados operários deformados” foram formados não como resultado de revoluções socialistas proletárias, mas como resultado do controle e da influência de Moscou e da presença nesses países, de fato, da ocupação pelo exército soviético. O exército soviético não saiu desses países após o fim da Segunda Guerra Mundial, em acordo com o impe-**

rialismo ocidental, e influenciou mais diretamente o estabelecimento do poder dos partidos “comunistas” pró-Moscou. Para as grandes massas, esses regimes, por um lado, eram vistos como invasores e, por outro, como anti-operários. Consequentemente, esse fato explica em grande parte por que, após a decepção com o capitalismo e com a URSS, milhões de trabalhadores ficaram sob a influência e apoiaram eleitoralmente forças conservadoras e de direita, muitas abertamente de extrema direita, e não forças socialistas de esquerda.

A fraqueza da esquerda no Leste Europeu é óbvia. Apesar dos partidos de esquerda terem representações nos parlamentos, não conseguem se apresentar ao povo trabalhador como uma alternativa real tanto ao poder burguês dominante quanto aos seus oponentes de direita e extrema direita. A maioria dos partidos de esquerda foi transformada em uma liderança social-democrata precisamente a partir dos antigos partidos da tradição stalinista. Aproveitando-se de seu passado burocrático, muitos deles, nos duros primeiros anos da restauração do capitalismo, conseguiram acumular em torno de si os sentimentos de protesto e transformá-los de tarefas pela revolução dos trabalhadores para tarefas parlamentares dentro da estrutura do regime democrático burguês. Esses partidos estão tão fortemente integrados com a política sistêmica oficial como um “segmento de esquerda” que, com razão, deixaram de ser aceitos pela classe trabalhadora como uma alternativa real à política capitalista dominante.

Essa lógica também se aplica ao partido **Aliança da Esquerda Democrática (SLD)**, que se transformou no partido parlamentar **Nova Esquerda** e participa da coalizão governamental com os liberais em torno do atual presidente da Polônia, **Donald Tusk**. Isso também se aplica ao **Partido Socialista Búlgaro (BSP)**, que participou várias vezes de coalizões governamentais e teve seus próprios presidentes na Bulgária. O **Partido Socialista Húngaro (MSZP)** e muitos outros projetos políticos semelhantes têm história e caminhos parecidos. O partido parlamentar alemão **A Esquerda (Die Linke)**, que tem sua base eleitoral na Alemanha Oriental (antiga República Democrática Alemã), não é exceção.

Contra essas organizações da “esquerda” da ordem, vários partidos e movimentos populistas e radicais de direita são frequentemente vistos como uma alternativa real à política do governo. Os populistas de direita transformam o ódio justo das pessoas contra a burocracia da UE em ideias isolacionistas e por um “caminho especial” para seus países. **No Leste Europeu, a retórica nacionalista se intensificou e está cada vez mais combinada com ideias de direita anti-imigração.**



Com dificuldades para receber e integrar novas ondas de migrantes do Oriente Médio e do Norte da África, os países da Europa Ocidental estão tentando redistribuir uma parte significativa deles para os países do Leste Europeu. Os populistas de direita estão marcando pontos ao criticar essa política da UE e tentar impedir a entrada de migrantes. Viktor Orbán, que já falamos várias vezes, é um **opositor fervoroso e público da imigração**. Ele é a favor da introdução de cotas para imigrantes na Hungria, mas não na UE. O motivo é a localização de trânsito da Hungria, de onde os migrantes, especialmente do Afeganistão, Iraque e Síria, são transportados para a Europa Ocidental a partir de um campo de refugiados na cidade de **Debrecen**.

Os populistas e a extrema direita mentem para seus eleitores, oferecem alternativas imaginárias, propõem a solução de problemas complexos e profundos por meio de soluções simplistas e esquemáticas e tentam colocar os trabalhadores uns contra os outros. A questão da migração não pode ser tratada isolando países individuais e fechando fronteiras. As ondas globais de migração, via de regra, estão asso-

ciadas não apenas aos terríveis conflitos militares nos países do Oriente Médio e próximo, mas também à necessidade de mão de obra nova e barata nas economias capitalistas dos países europeus, que buscam reduzir os custos de produção pelos salários de seus trabalhadores unidos em sindicatos fortes. Os migrantes, que são forçados a trabalhar por salários miseráveis e privados de todos os seus direitos, estão preenchendo os mercados de trabalho da Europa Ocidental. Nesse cenário, o Leste Europeu não é exceção às regras gerais da economia capitalista.



Volodímir Zelenski
e Joe Biden

Uma política verdadeiramente progressista para a imigração e para os problemas que a extrema direita vive mentindo só será possível com uma transformação socialista, por meio da destruição do capitalismo, da introdução de uma economia democraticamente planejada e do governo dos trabalhadores em todo o mundo.

UCRÂNIA, A LUTA PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL E O PERIGO DA DIREITA

A Ucrânia também pertence territorialmente aos países do Leste Europeu, mas na análise dos processos políticos que estão ocorrendo dentro e ao redor dela, a categoria de *espaço pós-soviético* torna-se ainda mais interessante de se analisar. Por mais de 30 anos, a Ucrânia passou por dolorosos processos de separação da Rússia, pela realização de seu direito à autodeterminação e pelo desenvolvimento de uma vida livre e independente. O legado de muitos anos de stalinismo moldou de forma decisiva tanto o movimento socialista de es-

querda, apesar de fraco, quanto a tendência de fortalecimento das forças de direita. É um dos poucos países do Leste Europeu em que não há um único deputado ou partido político de esquerda com representação parlamentar.

Já destaquei em outras oportunidades que o propagandismo imperialista russo exagera repetidamente a força e a influência da direita e da extrema direita na Ucrânia que, mesmo em sua totalidade, não conquistou mais do que 2 a 3% dos votos nas eleições parlamentares e presidenciais. Quando a propaganda russa rotula falsamente todo o povo ucraniano que resiste à invasão como *nazistas ucranianos*, *fascistas ucranianos* ou bandidos, torna-se indispensável entender a situação real e suas origens, que remontam à história da luta pela libertação nacional.

Em 1938, Stalin expulsou o Partido Comunista da Polônia e seu componente, o Partido Comunista da Ucrânia Ocidental (KPZU), do Komintern. Naquela época, o Comintern, diferente do criado em 1921 por Lenin em Moscou, já havia capitulado há muito tempo diante da contrarrevolução stalinista e da burocracia soviética. A base oficial para essa exclusão foi, como sempre, o “trotskismo”, que penetrou profundamente no KPZU e teve de ser combatido. As principais figuras do KPZU foram fuziladas, de acordo com a decisão dos tribunais stalinistas, por serem “colaboradores dos trotskistas e agentes do fascismo”. É claro que esse foi apenas mais um episódio das represões stalinistas contra verdadeiros comunistas da classe trabalhadora. A Quarta Internacional de Leon Trotsky realizou seu trabalho ativo entre os comunistas ucranianos ocidentais, e Stalin, que tinha pavor de perder o controle sobre esse partido no Comintern, decidiu que era melhor destruir todo o partido do que perder o controle decisivo sobre seus ativos.

Durante as décadas de 1920 e 1930, o KPZU foi, sem dúvida, um dos carros-chefes da luta pela libertação nacional. Nas difíceis condições da ocupação polonesa do território da Ucrânia ocidental, o KPZU, como a principal força de esquerda na região, travou uma luta pela reunificação de todo o povo ucraniano. Nas fileiras desse partido, a partir de meados da década de 1930, elementos extremamente críticos das políticas de Stalin na Ucrânia soviética tornaram-se cada vez mais influentes. A verdade so-

bre a fome de 1932-1933 e os problemas da russificação forçada não podia ser escondida dos trabalhadores da Ucrânia Ocidental. O KPZU constituía o flanco esquerdo do movimento de libertação nacional, e o flanco direito era composto por várias formações nacionalistas, muitas das quais eram ideologicamente orientadas para uma ou outra versão direitista, incluindo o fascismo italiano e o nazismo alemão. **A destruição do KPZU em 1938-1941 foi um dos crimes mais graves do stalinismo contra o povo ucraniano.**

Um conhecido provérbio ucraniano diz que *“um lugar sagrado nunca está vazio”*. É muito óbvio que, após o regime stalinista destruir os comunistas na Ucrânia Ocidental, a bandeira da luta de libertação nacional do povo ucraniano passou para as organizações de direita e, acima de tudo, para a **Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN)**, de extrema direita. Foi este legado que influenciou muitos jovens após a Ucrânia conquistar sua independência em 1991 e, para as autoridades, é parte da história sujeita à glorificação oficial.

Toda a ideia de esquerda ainda está associada ao stalinismo e seus crimes. Foi nesse contexto político que, **em 9 de abril de 2015, o parlamento ucraniano adotou um pacote de leis sobre a descomunização**. Naquela época, a Crimeia já estava ocupada e a guerra em Donbass estava em pleno andamento. Apesar dessas leis sobre “comunismo” significarem o ataque ao legado ideológico do período soviético da história e de ilegalizar as atividades do **Partido Comunista da Ucrânia (CPU) pós-stalinista**, para as forças de esquerda, mesmo as muito distantes do stalinismo da era da URSS, surgiu uma situação de grave perigo para as atividades políticas.

Também é importante observar aqui que, em conexão com a política de adesão à UE estabelecida na Constituição ucraniana e o reconhecimento da prioridade dos “valores europeus”, todas as sucessivas autoridades ucranianas, sem exceção, tentam proteger a comunidade LGBT+ de ataques de rua da extrema direita durante suas paradas do orgulho e eventos públicos. Muitos funcionários das embaixadas ocidentais em Kiev estão diretamente envolvidos em eventos LGBT+ para torná-los mais seguros aos participantes ucranianos. Os eventos LGBT+ são protegidos por

unidades policiais reforçadas, cujo número total é muitas vezes maior do que o número total de agressores de direita. Entretanto, o grau de violência de rua da extrema direita ainda é muito significativo. Também é importante observar que, de acordo com as estatísticas oficiais, não há tendência de aumento nos crimes com motivação étnica e racial na Ucrânia há muitos anos. Essas estatísticas podem não ser totalmente precisas, mas ainda assim nos dão algum otimismo, embora extremamente cauteloso, na análise das tendências atuais da sociedade ucraniana.



O crescimento do populismo de direita no Leste Europeu está associado a influência global dessa tendência, se manifestando de diferentes formas: desde o fundamentalismo religioso ao nacionalismo de direita, de libertário de direita a neonazista. Todas as versões estão interligadas com respostas superficiais a problemas sociais complexos - que definem as agendas locais e globais - e na hostilidade aberta à classe trabalhadora e à sua política. O populismo de direita tem como objetivo impor um nível super rebaixado de educação pública, cultivado pelo capital global para a segregação dos trabalhadores, seu emburrecimento e embrutecimento massivo. Temos a árdua tarefa de transmitir à classe trabalhadora e aos povos a necessidade de construir alternativas socialistas reais de esquerda, radicalmente opostas a todas as versões populistas de direita, lgbtfóbicas, racistas, xenófobas e de intolerância religiosa. “Aquele que caminha deve governar o caminho!”.. 🇺🇦

Europa: a **EXTREMA DIREITA** **INCUBA O VIRUS DA BARBARIE**

POR RUBÉN TZANOFF

Quais são as causas do aumento da extrema direita e quais são suas características? Existe um polo mobilizado na direção oposta. O socialismo é a barreira estratégica contra a barbárie.



OS “EUROPEÍSTAS” MANTÊM SUA MAIORIA

O novo Parlamento Europeu de 720 assentos, resultante da votação de 6 a 9 de junho, terá a seguinte composição: os tradicionais democratas-cristãos de centro-direita do Partido Popular Europeu (PPE), 186 assentos, os social-democratas e progressistas do Partido dos Socialistas Europeus (S&D), 135 assentos. Os liberais do Renovar Europa, 79 assentos. Assim, as três principais forças políticas europeias permanecem na maioria. Os grupos conservadores e de extrema direita aumentaram: Conservadores e Reformistas Europeus (ECR), 73 cadeiras, e Identidade e Democracia (ID), 58 cadeiras. Os ecologistas dos Verdes/ALE caíram para 53 assentos. A esquerda institucional, A Esquerda-GUE/NGL, permaneceu com 36 assentos. Os assentos restantes serão ocupados por não-inscritos e outros que não pertencem a um grupo político no Parlamento. O comparecimento às urnas foi de 51%, refletindo um nível significativo de abstenção.

O CRESCIMENTO DA EXTREMA DIREITA

O mais preocupante foram os resultados da extrema direita. Com suas diferentes variantes, ganhou força na França, Itália, Bélgica, Hungria e Áustria; ficou em segundo lugar na Alemanha,

Holanda, Polônia e República Tcheca e, com exceção de Malta e Eslovênia, terá representantes em todos os países do Bloco. O avanço não é homogêneo, também registrou retrocessos parciais na Hungria, Suécia e na Finlândia.¹

Divididos e reposicionados

Durante a 9ª legislatura do Parlamento Europeu, a extrema direita dividiu-se em dois grupos, agora realinhados para a 10ª legislatura. O primeiro é o Identidade e Democracia (ID), que incluía o Reagrupamento Nacional (RN), o Vlaams Belang (pró-independência da Flandres), a Liga e a Alternativa para a Alemanha (AfD). A unidade foi desfeita quando o candidato da AfD, Maximilian Krah, defendeu a SS nazista no meio da campanha eleitoral. Le Pen e Salvini romperam com o grupo, que está em liquidação. O segundo grupo é o Conservadores e Reformistas Europeus (ECR), formado pelo Irmãos da Itália, de Meloni, o partido Lei e Justiça (PiS, Polônia) e o Vox (Espanha). Mas o Vox anunciou o abandono da aliança com Meloni e o ECR para se juntar ao novo grupo Patriotas pela Europa (Pfe), liderado pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán (Fidesz - União Cívica Húngara), o principal aliado de Putin na UE. O Reagrupamento Nacional de Le Pen, que ocupará a presidência, e a Liga, de Matteo Salvini, também anunciaram a entrada nesse grupo. Por sua vez, a Alternativa para a Alemanha também formou um novo grupo, o terceiro da extrema direita, chamado Europa das Nações Soberanas (ESN).

TERREMOTO POLÍTICO NA FRANÇA E NA ALEMANHA

Na França, Emmanuel Macron perdeu as eleições europeias para o ultranacionalista Reagrupamento Nacional (RN) de Marine Le Pen, dissolveu o legislativo e convocou eleições para deputados. Perdeu novamente, no primeiro turno para o RN e no segundo turno para a Nova Frente Popular (NFP). A extrema direita cresceu, mas não obteve a maioria necessária para impor o próximo primeiro-ministro. Na Alemanha, que já foi o bastião da barbárie nazista, a Alternativa para a Alemanha (AfD), de extrema direita e xenófoba, surgiu como a segunda força nacional, com grande peso nas regiões da antiga República Democrática Alemã. No coração da União Europeia, onde ambos os países são fundadores e pilares fundamentais, a extrema direita ganhou forte apoio.

Comparação com o fascismo

Embora na história europeia tenha havido diferentes ondas de formações reacionárias, cada uma com suas características, a comparação mais importante deve ser feita entre o fascismo originário e a atual extrema direita. Ambos têm em comum a defesa do capitalismo imperialista, a negação de direitos e o racismo. Já nas diferenças, destaca-se que o fascismo transformou os regimes de forma contrarrevolucionária e suas violentas organizações reprimiram a classe trabalhadora com métodos de guerra civil, enquanto os atuais *se apresentam como parte* da institucionalidade democrática burguesa e não têm organizações de choque com força suficiente para derrotar os trabalhadores mobilizados. Mas, seria um erro subestimar a extrema direita. Na verdade, marginalmente, alguns grupos nazi-fascistas violentos já estão ativos e não se pode descartar que no futuro haverá partidos que seguirão esse rumo, já que não são atores de um fenômeno circunstancial, vieram para querer ficar.

A nova cúpula do Executivo

O Parlamento Europeu é eleito diretamente pelo voto popular e compartilha a função legislativa com o Conselho da União. Uma vez constituída a legislatura, elege o Presidente da Comissão Europeia por maioria absoluta e aprova ou rejeita a nomeação do Colégio de Comissários. A presidência da Comissão Europeia de 2019-2024 foi ocupada pela alemã e democrata-cristã Ursula von der Leyen, agrupada no PPE, que concordou em renovar seu mandato por mais cinco anos com base em nomeações negociadas entre os grupos democrata-cristão, socialista e liberal. Os outros cargos importantes acordados são o do socialista português António Costa, como Presidente do Conselho Europeu, e o da liberal estoniana Kaja Kallas, como Alta Representante da UE para a Política Externa.

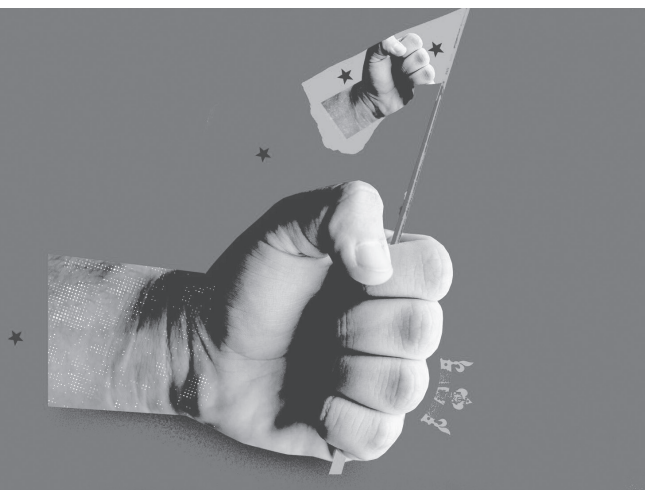
UM CICLO VICIOSO

Entre as causas que convergem para a ascensão da extrema direita estão: a continuidade da crise econômica capitalista e do projeto da UE; o descrédito da democracia burguesa, seus mecanismos e partidos; o surgimento de personalidades apoiados por poderosos que defendem soluções simples e mentirosas; a cobertura da mídia de massas e a disseminação por meio das redes sociais. Mas o fator determinante é o papel desempenhado pelos partidos reformistas antes e/ou depois de chegarem ao poder. Inicialmente, criam simpatia com promessas de transformações radicais. Mais tarde, traem suas promessas, adaptam-se ao regime, não resolvem as necessidades urgentes dos trabalhadores, beneficiam os já privilegiados, decepcionam aqueles que confiaram neles e, dessa forma, pavimentam o caminho dos reacionários ao poder.

SYRYZA, O PRECURSOR DO DESCARRILAMENTO

A onda de desastres reformistas teve início na Grécia. Lá, em 2015, Alexis Tsipras e o Syriza chegaram ao governo com a política contra a *troika*, formada pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o FMI. A expectativa gerada na vanguarda grega e internacional pela “Nova Esquerda” foi tão grande quanto a decepção causada pela subsequente traição dos radicais. Como consequência, a Nova Democracia se recuperou e o neofascista Aurora Dourada ganhou destaque.

Na Espanha, desde o 15M em 2011, os “indignados” foram um farol de esperança transformado-



ra com os protestos que gestaram Pablo Iglesias e o Podemos. Gradualmente, porém, o Podemos se adaptou às instituições até ser integrado ao governo burguês do PSOE, um dos pilares do regime de 1978 moldado pelo franquismo. Mais uma vez, os social-democratas, os centro-esquerdistas e o Partido Comunista deixaram um espaço para a recuperação do PP, o surgimento do Vox, de extrema direita, e o agrupamento “*Acabou-se a festa*”.

Na Itália, Giorgia Meloni governa o país com o partido Irmãos da Itália, que tem suas raízes no fascismo do pós-guerra. Desde que chegou ao poder, Meloni afirma que seu movimento mudou, mas suas políticas reacionárias anti-imigração e antidemocráticas fazem parte da ideologia que ela busca concretizar. A referência reformista que abriu caminho para a Liga de Matteo Salvini e Meloni se explica nos compromissos cíclicos da Refundação Comunista com os governos burgueses.

No governo de Portugal, o Partido Socialista, subordinado ao capitalismo e à institucionalidade dominante, não resolveu nenhum dos problemas estruturais do povo trabalhador, contribuindo para a ascensão da Aliança Democrática e do neofascista Chega. Nesse processo, a contribuição do Bloco de Esquerda e do Partido Comunista Português, que não são uma alternativa resolvida, também não pode ser subestimada.

Na Alemanha, o Die Linke não chegou ao poder, mas em 2009 tornou-se a quarta maior força política no Bundestag. Posteriormente, suas políticas mais radicais foram sendo excluídas até que se enfraqueceu como uma opção de mudança. Ao longo do caminho se fortaleceu o AfD, oficialmente classificado como de extrema direita e que defende a expulsão territorial de milhões de pessoas sob o conceito de *remigração*.

ALGUMAS PARTICULARIDADES

No contexto da heterogeneidade da extrema direita, onde há antissemitas e islamofóbicos, pró-Rússia e pró-Ucrânia, com a UE e contra ela, pode-se dizer em linhas gerais que está se disseminando entre os trabalhadores “nativos” ao estimular a falsa ideia de que a privação social se deve à proliferação de imigrantes “estrangeiros”. Para aqueles que não acreditam em mais nada e procuram “novas” formas de punir a velha política. São ultranacionalistas e adoradores dos valores da Igreja Católica. São negadores da mudança climática, inimigos dos movimentos feministas, LGBTQI+ e dos direitos

humanos. Enquanto islamofóbicos e racistas, defendem as piores medidas anti-humanitárias para proteger as muralhas da “Fortaleza Europa” contra a imigração.

O OUTRO LADO DA POLARIZAÇÃO

As mobilizações sociais democráticas são o polo positivo da realidade. As greves no Reino Unido são um sintoma da recuperação da classe trabalhadora. Na França, quando o RN se preparava para chegar ao poder, encontrou um freio na população que se mobilizou e votou, tendo a juventude na vanguarda, para impedir a vitória da extrema direita. As ações antifascistas também foram importantes na Alemanha, com o banimento da AfD, e na Grécia, com uma campanha nacional e internacional que impediu um comício neofascista pan-europeu em Atenas. A crescente polarização também se expressa nas mobilizações em solidariedade à Palestina contra o genocídio praticado pelo Estado de Israel. **O polo reacionário está se tornando politicamente representativo; o polo progressista ainda não, mas está mais forte nas ruas. É uma grande contradição a ser resolvida.**

UMA ESTRATÉGIA A SER CONSTRUÍDA

O apoio, a construção e a coordenação das lutas do povo trabalhador por seus direitos sociais e democráticos são as principais tarefas contra as desgraças capitalistas. Também é a tarefa atual impedir a normalização da existência da extrema direita e esmagá-la em todos os locais, é ela que incuba o vírus da barbárie. Os melhores antídotos para esmagar os contrarrevolucionários, onde quer que eles mostrem suas cabeças, é a mais ampla unidade de ação mobilizada e a autodefesa organizada. No final das contas, os *européistas* e os *eurocéticos* estão apenas disputando quem é o melhor administrador do capitalismo imperialista. É por isso que a saída fundamental não é a frente popular, mas a construção de partidos socialistas e revolucionários com influência de massa, na perspectiva de uma Europa governada pelos trabalhadores e a construção de uma Federação livre de Repúblicas Socialistas Europeias. ✊

1. Nas eleições antecipadas de 4 de julho na Grã-Bretanha, o Partido Trabalhista venceu o Partido Conservador, o partido de extrema direita Reform UK cresceu e entrou no Parlamento. Nas primeiras eleições legislativas da França, o Reagrupamento Nacional, de extrema direita, venceu o primeiro turno, sem maioria, e ficou em terceiro lugar no segundo turno, liderado pela Nova Frente Popular.



França: um ciclo eleitoral de **CRESCENTE** **INSTABILIDADE POLÍTICA**

POR TRISTAN KATZ

UMA GRANDE CRISE POLÍTICA

As eleições europeias ocorridas no início de junho causaram inicialmente um choque na França. Como em todo o continente, a extrema direita avançou na Áustria, Hungria, Bélgica e na França, onde venceu, e cresceu na Polônia, Holanda e na Alemanha. Com mais de 31%, o Reagrupamento Nacional - RN (Rassemblement National, nome em francês) ganhou musculatura: já não é uma força auxiliar, e sim uma força capaz de governar. Esse plebiscito contra Emmanuel Macron foi apenas a continuação de um longo período de desafios desde as eleições legislativas de 2022, onde foi reeleito, o colocaram num governo com minoria parlamentar. Isso forçou o governo francês a contornar ainda mais o parlamento com dispositivos de choque, como o famoso 49.3¹, que permite que uma medida seja imposta comprometendo a responsabilidade do governo.

Numa situação de paralisia e com um mandato de três anos pela frente, Macron dissolveu a Assembleia Nacional no mesmo dia, para surpresa geral do seu próprio governo e de seus aliados. Pensando que iria contornar a situação com uma campanha relâmpago, após o segundo turno, em 7 de julho, o resultado foi o oposto: a esquerda

reformista², temporariamente reagrupada na Nova Frente Popular (NFP) - unindo parceiros que até pouco tempo se insultavam como anti-semitas, por um lado, e liberais, por outro - ficou em primeiro; impulsionou o Reagrupamento Nacional como grande força parlamentar, dividindo o parlamento em três partes quase iguais, com a NFP, a coalizão em torno da aliança macronista Renascimento, e a RN, que conseguiu dividir parte do aparato da direita conservadora (Republicanos) com Éric Ciotti.

UMA CRISE INSTITUCIONAL: ENTRE A PARALISIA, AS ILUSÕES E A INSTABILIDADE CRESCENTE

Como bem dizia o escritor Mark Twain, há três tipos de mentiras: as pequenas, as grandes e as estatísticas. Embora não compartilhemos a desconfiança do escritor estadunidense sobre o campo da matemática, é preciso dizer que estas eleições revelam quebras, ilusões e uma situação de paralisia inédita. Para destacar uma série de resultados contraditórios, os fatos e os números devem ser apresentados no contexto único deste chuvoso verão francês. As eleições europeias em único turno e as eleições legislativas em dois turnos, geralmente possuem muitas diferenças: a europeia serve para

aliviar as pressões, a legislativa francesa para ratificar ou contrabalançar o poder forte presidencial francês, com suas instituições da Quinta República. Mas, neste caso, pela proximidade, é possível fazer algumas comparações.

O número de pessoas aptas para votar era de 43,3 milhões, mas é preciso ter em conta que, embora a participação nas eleições legislativas tenha sido a maior desde 1981, quando a esquerda chegou ao poder, houve um elevado nível de abstenção na classe trabalhadora, geralmente superior a 50%. Além disso, havia 9 milhões de eleitores fora do censo eleitoral e 3 milhões de estrangeiros, muitos deles, trabalhadores sem direitos eleitorais. Dito isto, várias tendências importantes surgem dos 28,8 milhões de eleitores (66,6%). A rejeição de Macron é indiscutível, com quase 80% do eleitorado contra ele; a ascensão da extrema direita e, sobretudo, a sua propagação são indiscutíveis (ficou em primeiro lugar em 32 mil dos 35 mil municípios); a NFP conseguiu aumentar significativamente sua votação; a esquerda revolucionária conseguiu, contra as adversidades, reunir 360 mil votos, graças ao trabalho da Lutte Ouvrière (LO - Luta Operária, em português). O RN obteve 7,7 milhões de votos nas eleições europeias e 10,1 milhões nas eleições legislativas, liderando as forças políticas. Mas o sistema eleitoral em dois turnos permite todo tipo de manobras: por exemplo, a NFP retirou-se incondicionalmente para barrar a extrema direita em favor dos apoiadores de Macron, que não retribuíram com grandes gestos. Assim, o resultado da composição da Assembleia Nacional é: 182 NFP, 168 Ensemble-Juntos (Macron), 143 RN e 46 Republicanos.

A NFP salvou os partidários de Macron, mais uma vez, após as disputas de Le Pen-Macron de 2017 e 2022. Gérald Darmanin, o sinistro ministro do Interior, e Élisabeth Borne, que destruiu as pensões, puderam se beneficiar da generosidade da esquerda. Enquanto a NFP proclama aos gritos a vitória, a situação é muito diferente. É uma ilusão: a NFP, com 1/3 da câmara, não pode formar um governo estável, para não falar do Senado, totalmente conservador. Com esta ilusão, junta-se uma situação de impasse: o bloco macronista tem de fazer um pacto com uma parte da NFP ou com a direita, sem conseguir atingir os 289 deputados necessários para a maioria absoluta. A instabilidade está na ordem do dia e cada coligação frágil está à mercê de um voto de desconfiança, o que evidencia o poder do RN.

SOBRE O IMPASSE TEMPORÁRIO E A DINÂMICA SOCIAL

O pensamento de Twain tem algum fundo de verdade: os números não resumem tudo, e muito menos a política. Do ponto de vista da burguesia francesa, a situação é preocupante. A Bolsa de Paris não tremeu perante a crise eleitoral e o CAC 40, que mede a cotação das ações dos 40 maiores grupos capitalistas, não sofreu nada. Se olharmos para as coisas com consciência de classe, meio rentista e meio financeira, as coisas estão bastante estáveis aos projetos defendidos pela Assembleia Nacional. Todos os partidos representados, desde a NFP até o RN, apoiam a moeda única e as grandes orientações econômicas e militares da política europeia. A NFP quer uma “presença francesa” no mundo, com um exército moderno, e defendeu não só o voto a favor dos orçamentos militares, mas também o seu aumento. O RN comprometeu-se a permanecer na OTAN e distanciou-se do apoio às políticas de Putin e do seu apoio financeiro direto às campanhas eleitorais. Por outro lado, a ideia de um governo técnico, de uma coligação que combine a social-democracia e a direita, ou mesmo a extrema-direita, como aconteceu na Áustria ou em alguns distritos alemães, ilustra uma convergência muito europeia para governar. Mas estas vantagens na atual situação são ofuscadas pelo fato de se produzirem governos frágeis que expõem a presidência: o “Fora Macron!” não irá desaparecer tão facilmente.

Se quisermos ler melhor a situação e, conseqüentemente, apontar corretamente as saídas para a classe trabalhadora e a juventude, temos de nos afastar das análises rasas da esquerda, que limitam as bases materiais do desenvolvimento do capitalismo no estreito mercado francês. Por mais interessantes que sejam, as análises centradas nas ideias reacionárias e na sua propagação (a fascistização da sociedade) ou nas políticas da burguesia (a crise do bloco burguês) não compreendem a dinâmica social do voto em Jordan Bardella (RN), a reorganização do capitalismo na França... e muito menos as oportunidades para o proletariado e os revolucionários.

O capitalismo da era Macron funciona bem para a burguesia. Segundo o jornal Le Figaro de 10/7/24, o número de milionários continua aumentando, com mais de 2,8 milhões de afortunados. Uma classe de rentistas que parece ter sido

tirada de uma descrição de Karl Marx em « A luta de classes na França » (1850) ou em « O 18 de Brumário de Luís Bonaparte » (1852). Dinheiro fácil, por um lado, mas 17 meses consecutivos de contração industrial, com desemprego em massa à vista, sobretudo entre os terceirizados do setor automotivo. Estes desequilíbrios sociais já não podem ser escondidos. Um estudo do Banco de França mostra o preço desta riqueza acumulada, à custa do resto da sociedade, ao longo dos últimos 40 anos, em que a esquerda e a direita se alternavam no poder. Em 1983, o 1% super-ricos detinha 15,9% de toda a riqueza pessoal na França, os 10% ricos detinham 50% e os 50% mais pobres apenas 8,9%. Em 2022, estas desigualdades se agravaram ainda mais. O 1% super-rico detinha agora 24% da riqueza do país (um aumento de mais de 60%), os 10% ricos detinham 57,7% e os 50% mais pobres viam a sua parte da riqueza pessoal cair para apenas 5,1% (uma queda de 48%). A isto juntam-se mais de 9 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza e 5,3 milhões de desempregados pelos números oficiais.

O capitalismo imperialista francês está em dolorosa transformação: sendo expulso da África, a sua população envelhece e falta trabalhadores a tal ponto que, Patrick Martin, o líder do ME-DEF (organização patronal), declarou em janeiro de 2024 que faltavam três milhões de trabalhadores para cobrir as necessidades da burguesia. É aqui que o voto no RN encontra sua força. Ao racismo, uma característica permanente da dinâmica eleitoral do RN, juntou-se, na última década, a angústia do declínio social. A rejeição aos políticos não é nova e não explica tudo, mas é crescente. A esses fatores somam-se o declínio da França, o medo das guerras que se aproximam a partir da Ucrânia e uma União Europeia que parece impotente: tudo isto alimenta um novo ultranacionalismo. Combinado com o racismo, é um veneno poderoso contra a classe trabalhadora.

A ASCENSÃO RESISTENTE DO RN

A ilusão criada pela NFP de uma vitória quase no final não pode nos fazer esquecer que milhões de trabalhadores rejeitaram o racismo do RN. Certamente, a violência entre os dois turnos das eleições e a explosão nos discursos de ódio nos bairros e locais de trabalho não foram alheios.

É por isso que os revolucionários independentes da esquerda no primeiro turno, mesmo com suas diferenças, a favor da LO e do Novo Partido Anticapitalista Revolucionário (NPA-R), se solidarizaram com o voto no segundo turno nos candidatos de esquerda da NFP. A chave da situação reside na unidade da classe trabalhadora (e, portanto, a sua luta contra o racismo e todas as opressões), mas também na implementação de medidas de emergência contra o desastre social encabeçado por Macron surgido da social-democracia ou da direita revanchista e do RN à espreita. O que podemos fazer?

A situação é difícil para os militantes revolucionários que preservaram a sua independência de classe candidatando-se às eleições europeias e legislativas francesas no espaço de um mês. A LO e o NPA-R fizeram este esforço militante e financeiro. Com resultados modestos, mas que constituem um ponto de apoio. Os 360 mil votos (4/5 obtidos pela LO) podem, de fato, significar que existe uma minoria que soube expressar a sua desconfiança em relação às promessas eleitorais reformistas, ao mesmo tempo que fez um gesto a favor das ideias comunistas revolucionárias. Não se trata de organizar os eleitores, mas de criar uma **unidade entre revolucionários** para que possa surgir um polo de revolucionários contra os polos reformistas, macronista e neofascista. Não estamos falando de um bloco eleitoral, nem de uma organização unificada.

Os confrontos sociais que se avizinham são tão importantes quanto as nossas responsabilidades. Temos a possibilidade de acreditar que a colaboração, a coordenação das nossas intervenções, o confronto e, sobretudo o fato de nos apresentarmos juntos - mesmo com nossas diferenças - aos trabalhadores e aos jovens, nos permitirá traçar o caminho de uma nova direção oposta à conciliação de classe da NFP, de uma orientação de ruptura com as centrais sindicais para as lutas que virão. E a luta contra o tempo. A propósito, Bardella viu recuar a perspectiva de se tornar primeiro-ministro, mas conseguiu formar um novo grupo de extrema direita no Parlamento Europeu, o Patriotas pela Europa (13 países, 84 deputados, o terceiro bloco parlamentar europeu). Um belo prêmio de consolação. 🍷

1. Artigo constitucional que permite ao governo, caso o Parlamento não cumpra um prazo, promulgar uma medida.

2. Na França, os reformistas são chamados de esquerda e os revolucionários de extrema esquerda.

O SOBERANISMO REACIONÁRIO na Europa

POR PARTITO COMUNISTA DEI LABORATORI



O crescimento relativo das forças de direita e/ou de extrema direita na Europa é uma das características do cenário continental. Não se trata de um desenvolvimento uniforme, nem em termos de sua natureza política, nem em sua área de influência. Mas a tendência é real. É uma tendência inseparável do contexto geral da UE: da crise conjunta do capitalismo europeu, do liberalismo burguês e do movimento dos trabalhadores.

A CRISE PROFUNDA DA UE

A União Europeia está passando por uma profunda crise de natureza estrutural, que se desdobrou ao longo do tempo. A crise do capitalismo em 2008 atingiu duramente a UE. A dupla recessão continental de 2008/2011 e a crise das dívidas públicas ampliaram os diferentes interesses entre a Alemanha e os imperialismos mediterrâneos. O salto imperialista da China após 2008 e a centralidade planetária do confronto interimperialista entre os EUA e a China mar-

ginalizaram o peso da UE em escala global. O amadurecimento imperialista da Rússia de Putin e sua política de poder, que culminou com a invasão da Ucrânia, aprofundou a crise.

Hoje, a combinação da pressão russa, a crise da hegemonia mundial dos EUA, a competição global com os EUA e a China, coloca os imperialismos europeus em novos desafios: a necessidade de uma força militar própria, integrada à OTAN, com capacidade de iniciativa autônoma; a exigência de um grande salto de investimentos na transição ecológica. Para isso, as forças centrais do grande capital propõem o relançamento do processo de integração da UE com base em um novo endividamento continental.

Mas a mesma emergência global que impulsiona a integração europeia aprofunda as contradições que a corroem. Cada um dos imperialismos nacionais na Europa cultivam seus próprios interesses.

O imperialismo alemão se opõe a um maior endividamento europeu com base na superioridade de seu balanço patrimonial estatal, com 100

bilhões de investimentos em seu orçamento militar.

O imperialismo francês, atingido pela crise de sua área de influência na África, pede para assumir a dívida continental pensando no interesse de sua hegemonia militar na Europa.

O imperialismo italiano está lado a lado com a França ao exigir dívidas dos bancos europeus, mas, ao mesmo tempo, está jogando lado a lado com o imperialismo norte-americano para obter o reconhecimento de seu papel na África, em detrimento da França.

Na realidade, todos os imperialismos europeus estão envolvidos na corrida armamentista global. Mas o peso dos balanços nacionais, que diferem muito de um estado para outro, aumenta as divergências na UE.

Ao mesmo tempo, amplia a distância entre a UE e seus concorrentes, os EUA e a China, com sua capacidade de gastos e de endividamento público muito superior e grandes reservas internas de matérias-primas. Enquanto isso, a expansão do protecionismo e o confronto entre os polos imperialistas estão afetando a força tradicional da UE como principal polo exportador.

A CRISE DO LIBERALISMO BURGUÊS E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA

A evolução do cenário mundial está afetando o proletariado europeu. O salto nos investimentos militares e o apelo público por uma *economia de guerra* significam mais cortes nos serviços públicos. A crise energética e os ventos protecionistas se traduzem em aumento de preços e um novo ataque contra os salários. O pagamento da dívida pública e a crise dos balanços patrimoniais do Estado, reduzem os investimentos ambientais para a conversão de energia. A crescente militarização da opinião pública atinge os direitos democráticos por meio da criminalização das mobilizações antissionistas (especialmente na Alemanha e na França).

Os governos europeus estão passando por uma crise generalizada de consenso. Com exceção dos países bálticos e na fronteira russa (Polônia), a campanha dos círculos dominantes em favor da economia de guerra não consegue hegemonizar a opinião pública.

A auto-redução dos compromissos anunciados com o Acordo Verde, sob pressão dos patões, juntamente com o peso das medidas de

reconversão que recaem sobre as costas dos trabalhadores, gerou grande resistência de amplos setores populares. A crise dos sistemas de saúde e da previdência social, juntamente com a pressão inflacionária sobre os salários, está alimentando o descontentamento de amplos setores das massas.

A instabilidade no equilíbrio político da Europa é resultado da crise do consenso popular. *A polarização política é a tendência dominante na Europa.*

Essa polarização tem a marca da profunda crise da esquerda europeia. A velha social-democracia sempre apoiou o curso das políticas dos empresários durante seus governos, muitas vezes, de forma pioneira. A identificação prolongada com os planos de austeridade corroeu sua sobrevivência e, em alguns casos, determinou seu colapso. Por sua vez, os partidos da chamada “esquerda europeia”, que nos últimos 20 anos buscaram um espaço à esquerda da social-democracia tradicional, comprometeram-se ciclicamente com os governos burgueses nos principais países da UE, destruindo seu próprio potencial. Primeiro o Partido da Refundação Comunista, na Itália, depois o Syriza, na Grécia, e finalmente o Podemos, na Espanha, simbolizaram a autodestruição ou o declínio do reformismo de esquerda.

A GEOGRAFIA E AS CARACTERÍSTICAS DAS DIREITAS SOBERANISTAS

O desenvolvimento da direita soberanista em vários países europeus (da Alemanha à França, de Portugal à Romênia, da Áustria à Holanda) é o resultado da polarização política.

O campo da direita na Europa não é de forma alguma homogêneo. Suas variantes políticas são duas: os Reformistas e Conservadores Europeus (ECR), de Giorgia Meloni, líder pós-fascista do governo italiano; e o Identidade e Democracia (ID), que reúne principalmente o RN de Marine Le Pen na França e a Liga, de Matteo Salvini na Itália. As duas variantes políticas são internamente compostas por diferentes, condicionadas pelos diferentes contextos nacionais. O ECR tem como objetivo mudar o eixo político europeu para a direita, substituindo a social-democracia na aliança com o Partido Popular Europeu (PPE). O ID se opõe claramente aos liberais (Macron). O RN de Le Pen, por outro lado, está trabalhando em seu próprio projeto institucional

na perspectiva da possibilidade de ganhar a presidência da República Francesa, razão pela qual rompeu com a extrema direita alemã (Afd). O partido de Orban, após sua expulsão do PPE, é abertamente criticado pelo ECR e pelo ID.

O soberanismo, que vem perdendo terreno de forma diferente, é apresentado para os setores desclassificados da pequena e média burguesia, para construir uma hegemonia pequeno/médio burguesa sobre amplos setores populares e trabalhadores assalariados, nas periferias e nas províncias. É uma tentativa de capitalizar à direita a crise conjunta do establishment liberal e do movimento trabalhista europeu. A influência da direita soberanista sobre a classe trabalhadora industrial nos princi-



pais países europeus (França, Itália) é um sinal do desmoronamento dos antigos blocos sociais. A contraposição dos “direitos sociais” aos direitos civis, em nome dos valores tradicionais, busca capitalizar o fracasso dos governos burgueses e sua retórica liberal. O confronto entre “povo e elite” o tempo todo mostra a narrativa ideológica reacionária. Deus, pátria e família é o vocabulário preferido.

A extrema direita europeia, em sua maior parte, não pode ser caracterizada como “fascista”. Os elementos fascistas estão presentes em suas fileiras, em maior ou menor grau, dependendo dos diferentes contextos, mas não são hegemônicos.

De forma contraditória, o mesmo recuo da luta de classes na Europa que favoreceu o desenvolvimento da extrema direita conteve seus componentes propriamente fascistas (como o Aurora Dourada na Grécia). Não se trata realmente da velha direita tradicional, como os republicanos gaullistas na França ou o próprio partido de Ber-

lusconi na Itália nas décadas de 1990 e 2000. É uma nova direita reacionária, nascida da crise de bipolaridade entre os velhos partidos burgueses, alimentada pela decomposição de seus blocos sociais. Uma direita nascida da grande crise capitalista de 2008.

O grande capital europeu não toma a extrema direita soberanista como seu ponto de referência político. Ele busca consolidar o quadro total da UE e, ainda mais, desenvolver ao máximo os elementos de integração para enfrentar a concorrência com os polos imperialistas dos EUA e da China. Mesmo assim, a grande burguesia não descarta o uso da extrema direita em favor de seus próprios interesses de classe: se baseia em sua ação para dividir os trabalhadores, em sua política de “lei e ordem”, na força que a extrema direita apresenta em termos de controle do bloco pequeno-burguês e popular. A abertura da grande burguesia para o governo de Giorgia Meloni na Itália segue esse perfil emblemático. Por sua vez, a extrema direita está atenta às suas próprias relações com o grande capital. Não é coincidência que, ao contrário do passado, nenhuma das principais forças da nova direita esteja pedindo a saída da União Europeia e do euro. Isso é um reflexo da polarização imperialista que está moldando o mundo.

Nenhuma força burguesa com ambições de governar na Europa está preparada para embarcar em aventuras solitárias. Especialmente após a experiência do Brexit.

O confronto global interimperialista tem um impacto sobre as estruturas da direita europeia. Uma parte da direita soberanista combina a velha pauta do nacionalismo militarista com a de um europeísmo imperialista mais “autônomo em relação aos EUA” e em diálogo com a Rússia. O imperialismo russo encontrou uma influência sob algumas forças da direita europeia (como a Liga Italiana e o RN na França). A entrada direta do regime de Putin na Hungria de Orban e na Eslováquia de Robert Fico tem o objetivo de ampliar essa oportunidade. Mas a guerra na Ucrânia impulsionou, por reação, a orientação super atlanticista da direita nórdica (assim como a do partido Irmãos da Itália). O antigo grupo de Visegrad da década de 1910 se dissolveu, entre uma Polônia super atlanticista e uma Hungria pró-russa. Enquanto isso, a expansão da OTAN no norte da Europa, com a adesão da Suécia e da Finlândia, combinou-se com

a entrada da extrema direita em seus respectivos governos. A polarização do confronto interimperialista entre os EUA e a Rússia também atravessa o campo da direita.

O resultado ideológico da direita europeia evoca uma “Confederação europeia de nações independentes” como uma potência judaico-cristã, inimiga dos imigrantes e dos muçulmanos. O objetivo é capturar o sentimento pacifista “antiamericano” da opinião pública europeia sob a perspectiva reacionária, sem romper com a OTAN e com os EUA. O relacionamento com o imperialismo norte-americano é uma fonte de contradições na direita, sendo condicionado por diferentes interesses nacionais. A atual liderança pró-fascista na Itália buscou no governo Biden um acordo central para os interesses do imperialismo italiano. O mesmo se aplica aos direitistas do Báltico e do norte da Europa, que estão preocupados com um guarda-chuva militar seguro. Uma eventual vitória de Trump nas próximas eleições dos EUA poderá impactar os alinhamentos da direita europeia.

Todos os direitistas europeus se gabam de seu próprio apoio anti-árabe e anti-muçulmano ao sionismo. O antigo arsenal do antisemitismo reacionário hoje se transformou no alinhamento com o Estado de Israel e seu governo. A política externa filo-sionista dos governos europeus é apoiada pela extrema direita, incluindo a criminalização dos movimentos de protesto pró-palestinos. Por sua vez, o apoio da maioria da sociedade europeia à Palestina constitui um elemento de contradição.

A cruzada contra a imigração é a principal carta que a direita está jogando no senso popular. A dimensão estrutural dos fluxos migratórios impulsionados pela dinâmica das guerras, das catástrofes ambientais e das diferenças demográficas confere às campanhas xenófobas uma capacidade de apelo permanente em amplos setores populares. As mesmas políticas xenófobas dos governos burgueses “liberais” (expulsão, segregação, limitação no direito de asilo) abriram caminho para as piores campanhas reacionárias.

À ALTERNATIVA CONTRA O REACIONARISMO É O ANTICAPITALISMO

Se o crescimento da extrema direita nasceu da crise do movimento dos trabalhadores europeus com a responsabilidade de suas direções, somen-

te um renascimento da classe trabalhadora pode agir como uma barreira para derrotar a direita. Se a nova direita foi colhida da crise do capitalismo, somente uma alternativa anticapitalista e revolucionária pode mostrar a saída contra o europeísmo liberal burguês e o soberanismo reacionário.

Somente a classe trabalhadora pode unir a Europa em uma base progressiva. Na estrutura capitalista e imperialista, o velho continente está condenado à decadência, nas garras da polarização mundial entre as antigas e as novas potências imperialistas. Todos os movimentos proletários e progressistas do velho continente (sociais, ambientais, de gênero, antirracistas, antimilitaristas) exigem a necessidade de uma ruptura anticapitalista, na perspectiva de um governo dos trabalhadores, em cada país e em escala continental. Essa é a perspectiva de uma Europa socialista.



Marie Le Pen e Jordan Bardella

O esgotamento do espaço reformista sob a pressão da crise social e da dinâmica da guerra sinaliza a exigência por soluções radicais. Ou essa solução é imposta pela classe trabalhadora no terreno anticapitalista ou há o risco de que seja imposta por forças mais ou menos reacionárias contra os trabalhadores. A crise das formas tradicionais de alternância liberal e a irrupção de grandes processos de polarização política atestam a atualidade dessa encruzilhada. O crescimento da direita soberanista na Europa é resultado da crise do movimento dos trabalhadores na elaboração de sua própria solução para a crise do capitalismo. A resolução dessa crise é, portanto, uma parte decisiva da mesma batalha contra a reação.

Colocar o movimento dos trabalhadores em sintonia com a mudança de época em andamento, desenvolvendo sua consciência política, é a tarefa dos marxistas revolucionários na Europa. E não apenas na Europa. 🇺🇸

A POLARIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA nos Estados Unidos

POR VICENTE GAYNOR

É muito provável que Trump ganhe novamente as eleições presidenciais dos EUA em novembro com uma base social consolidada à direita e, se comparado às eleições de 2016, um forte apoio dos principais setores do establishment. Está claro que a direita, especialmente sua ala mais reacionária, se fortaleceu nos últimos quatro anos desde que Trump perdeu a Casa Branca.



Ao mesmo tempo, durante esses quatro anos, desenvolveu-se um aumento na luta de classes com as greves mais importantes vistas em gerações e um processo de radicalização de uma grande vanguarda jovem, especialmente na luta em solidariedade com a Palestina.

POLARIZAÇÃO DESIGUAL E COMBINADA

Os EUA concentram e refletem da forma mais sintetizada o processo de polarização social e política que está ocorrendo em todo o mundo. A ordem mundial capitalista que as principais potências imperialistas constituíram após a Segunda Guerra Mundial, e que acreditavam ter se cristalizado após a dissolução da URSS, começou a colapsar com a crise capitalista a partir de 2008.

Os aspectos políticos e ideológicos dessa crise sistemática abalaram o regime democrático burguês e a ideologia do *Consenso de Washington* (1989) que sustentava essa ordem. Desenvolveu-se uma ruptura massiva com as principais ideias da democracia liberal, “ocidental” e suas instituições. Os partidos políticos e as lideranças que dominaram por décadas, profundamente deslegitimadas, perderam o apoio de milhões de

pessoas, que buscaram alternativas fora da política tradicional. Essa crise de representatividade, ou colapso do “centro” político, resultou no surgimento de alternativas à esquerda e à direita.

As limitações das alternativas à esquerda, particularmente as que chegaram ao governo, como Podemos ou o Syriza, de se recusarem a romper com a estrutura capitalista levou a fracassos amargos e à desilusão, abrindo o caminho para alternativas políticas *outsiders* à direita.

Atualmente, a dinâmica mundial é a do crescimento de alternativas políticas de direita e extrema direita, com apoio de uma parte da burguesia. Esse fenômeno forma um dos polos, combinando com o outro que é a luta de classes com resistência, greves, rebeliões, revoluções e radicalização à esquerda. Trata-se de uma polarização desigual porque o polo das massas trabalhadoras resiste contra as burguesias, mas não consegue construir uma representação política, como faz o outro polo.

Nos EUA, esse processo talvez seja mais evidente do que em qualquer outro lugar. Enquanto Trump consolida seu apoio em sua base social e de cima para baixo, com uma coalizão que une o aparato do Partido Republicano e mais de 100 organizações de extrema direita, a classe

trabalhadora industrial do país está começando a lutar, como não se via há décadas, e uma importante vanguarda de jovens radicalizados está surgindo na luta contra o genocídio sionista na Palestina.

O PIONEIRO DA “DIREITA ALTERNATIVA”

Trump foi o primeiro grande expoente da ascensão da “direita alternativa” quando surpreendeu ao ganhar a Casa Branca em 2016. Foi no mesmo ano em que Bernie Sanders, que defendia abertamente o socialismo, teria vencido as primárias democratas se não fosse pela fraude do aparato em favor de Hillary Clinton. A crise de representação foi tão grande que a maioria dos eleitores dos EUA buscaram alternativas fora dos candidatos oficiais do sistema bipartidário mais forte do mundo.

Enquanto Sanders deu todo o seu apoio à candidata democrata Clinton, Trump conseguiu vencer as primárias republicanas e, como candidato, continuou criticando a “casta política”, prometendo soluções simplistas (em grande parte impraticáveis) para melhorar a vida dos norte-americanos e “*tornar os Estados Unidos novamente grande*”.

O projeto de Trump não teve o apoio dos principais setores da burguesia dos EUA, com grandes dificuldades para implementá-lo. Embora não tenha conseguido concretizar suas propostas mais extravagantes, como obrigar o México a pagar pela construção do muro na fronteira, avançou qualitativamente na agenda conservadora em seus quatro anos de mandato.

Trump impôs uma das maiores reduções de impostos na história para corporações e os mais ricos, cortou alguns dos principais programas federais de assistência social, como os *vales alimentação*, nomeou três juízes supremos que permitiram que a Suprema Corte revertesse os direitos de aborto do país desde *Roe v. Wade* em 1973, retirou os EUA dos *Acordos Ambientais de Paris* e aprisionou famílias inteiras de migrantes, separando muitas crianças de seus pais, para citar alguns dos exemplos mais importantes.

Na política internacional, interrompeu os planos estratégicos da burguesia, aplicados pelos democratas e republicanos, rompendo o acordo nuclear com o Irã, distanciando-se dos aliados da OTAN e se aproximando da Rússia, além de intensificar o conflito com a China, levando a uma “guerra comercial” que prejudicou setores importantes da burguesia dos EUA.

De tudo isso, o efeito mais profundo da presidência de Trump foi o giro à direita da política nacional. Esse giro fortaleceu os setores mais reacionários do país, expressos em organizações como o movimento Tea Party, também conhecido como Partido do Chá, que começou a ganhar peso dentro do Partido Republicano e atuar de forma mais organizada nas ruas. Seu discurso abertamente reacionário sobre as questões mais polarizadoras, como gênero, racismo, religião e imigração, e até mesmo sua política desastrosa no período da pandemia de Covid-19, chegando a declarar que ela poderia ser tratada com cloro, colaboraram para esse cenário.



É claro que a polarização também se expressou na direção oposta, com a derrota de Trump em sua tentativa de reeleição em 2020. O repúdio às suas medidas foi massivo, o movimento de mulheres mobilizou centenas de milhares, uma rebelião nacional eclodiu após o assassinato de George Floyd, a maior onda de greves em décadas se desenvolveu e uma radicalização de uma enorme vanguarda, especialmente das juventudes.

Mas, ao contrário do polo de direita, nenhuma expressão política surgiu da esquerda. Pelo contrário, a oportunidade foi desperdiçada, apesar das condições talvez mais favoráveis desde a última candidatura do socialista Eugene Debs, há mais de 100 anos. Em 2020, Bernie Sanders nem sequer cogitou a possibilidade de disputar as primárias democratas, como fez em 2016, porque o objetivo de sua campanha não era oferecer uma alternativa, mas, ao contrário, era conter o eleitorado mais radicalizado e direcionar para o voto no candidato oficial: Joe Biden, um dos expoentes mais conservadores do Partido Democrata. Os Socialistas

Democráticos da América (DSA) seguiram o mesmo caminho. O DSA cresceu com a campanha de Sanders em 2016 como um fenômeno nacional e a principal expressão da maioria dos jovens que, segundo a revista *The Economist*, se identificavam com o socialismo. Em quatro anos, organizou mais de 50 mil ativistas e conquistou dezenas de cadeiras legislativas, inclusive a conquistada no Congresso Nacional por Alexandria Ocasio Cortez (AOC), na época a figura política com o maior número de seguidores nas mídias sociais do país. Mas o DSA rapidamente abandonou a orientação de construir um partido independente dos democratas e concentrou seus esforços quase exclusivamente no eleitoralismo, se ausentando das grandes mobilizações do período, o que alienou, desiludiu e deixou a vanguarda ativista radicalizada sem uma referência política.

O resultado foi uma vitória eleitoral apertada de Biden na eleição presidencial de 2020, que não gerou nenhum entusiasmo nos movimentos à esquerda, mas mobilizou os mais radicalizados à direita. Incentivados pelo próprio Trump, que não aceitou a derrota, alguns milhares de extremistas de direita atacaram o Congresso em 6 de janeiro de 2021 com o objetivo de impedir a votação para confirmar o resultado da eleição. Embora mal organizados, conseguiram invadir o prédio e provocar uma indignação internacional que enfraqueceu a imagem do país mais poderoso do mundo e, ao mesmo tempo, fortaleceu a base social da extrema direita, demonstrando que continuaria a ser uma força política considerável.

TRUMP 2.0

A força da base social minoritária, mas consolidada, da extrema direita foi confirmada pela escolha de Trump como o candidato presidencial indiscutível do Partido Republicano para as eleições deste ano, mesmo condenado por 34 casos de suborno, estar sendo julgado por tentar modificar os resultados das eleições de 2020 e por reter documentos confidenciais. Mesmo assim, a grande probabilidade dele vencer as eleições é principalmente responsabilidade dos Democratas.

Se a desilusão com os mandatos de Obama, além da deserção de Sanders, abriram as portas ao primeiro governo de Trump, os quatro anos de Biden alimentam a possibilidade de um segundo mandato trumpista a partir de novembro. Biden manteve os cortes de impostos para os ricos e as

corporações, aprofundou os cortes no bem-estar social, ao mesmo tempo em que elevou a inflação e o custo de vida a taxas históricas. Intensificou muitas políticas anti-imigração, inclusive avançando com a construção do muro na fronteira que Trump não concluiu.

A única coisa em que Biden se diferenciou acentuadamente de seu antecessor foi na retomada da agressão imperialista no mundo. Seu apoio incondicional ao genocídio de Israel em Gaza lhe rendeu o apelido de *Joe Genocida*, e a guerra na Ucrânia permite que Trump se apresente de forma estranha como um candidato antiguerra.

Para piorar a situação, a saúde de Biden, com 81 anos, que já era um ponto fraco em 2020, mostrou sinais de senilidade avançada nesta campanha e gerou muitas confusões, como no primeiro debate presidencial, onde perdeu completamente o controle por várias vezes diante de um Trump, que se aproveitou para zombar da situação.

Desta vez, não havia sequer uma opção de esquerda nas primárias. Embora os processos de luta, greves e radicalização tenham se aprofundado durante o mandato de Biden, a única opção disponível para todo o arco da população que não apoia Trump era o próprio Biden¹. Ainda segue a probabilidade de que a maioria dos jovens nem mesmo vá às urnas e todas as pesquisas dão uma vantagem a Trump. Enquanto isso, Trump empolga e mobiliza os setores mais reacionários.

É muito provável que, se eleito, o segundo governo de Trump tenha mais força do que o anterior. Diferentemente de seu primeiro mandato, pode chegar à Casa Branca com o apoio institucional do Partido Republicano e um plano de governo elaborado por sua ala mais conservadora, juntamente com uma coalizão de mais de 100 organizações conservadoras e de extrema direita: o «Projeto 2025». Trump também poderá ter uma Suprema Corte conservadora a partir do momento em que assumir o cargo. Mas também poderá enfrentar a oposição de uma classe trabalhadora em ascensão e de uma juventude radicalizada em níveis nunca vistos em décadas.

O OUTRO POLO

O movimento *Occupy Wall Street*, em 2011, foi a primeira expressão da radicalização que surgiu na esteira da crise capitalista iniciada em 2008. Os tumultos de Ferguson e o surgimento do *Black Lives Matter* em 2014 enfrentaram o racismo

institucional nos EUA pela primeira vez desde a década de 1960. Em 2016, o movimento de mulheres também saiu massivamente às ruas com uma radicalização não vistas em décadas, com o movimento *Me Too* e contra Trump.

No mesmo ano em que Trump se tornou presidente, também surgiu o fenômeno Bernie Sanders, AOC e o DSA, resultado da maioria dos jovens que se identificavam com o socialismo. Em 2020, o assassinato de George Floyd acendeu uma rebelião contra o racismo que ultrapassou as comunidades negras e se tornou uma rebelião geral da juventude contra o sistema racista e opressor.

Enquanto isso, a classe trabalhadora se reativava, atingindo um ponto alto com as greves dos professores de 2019, por fora dos sindicatos burocráticos, mesmo contra as leis que criminalizam as greves, mobilizando milhares e conquistando, após muitos anos, os primeiros triunfos da luta dos trabalhadores.

Esse processo se aprofundou no último período, com 2023 apelidado pela mídia massiva como “o ano da greve”. A participação dos trabalhadores em atividades grevistas aumentou 280% em relação a 2022. O aspecto qualitativo está nos setores que entraram em ação, na importância das ações e no que conquistaram.

A greve de atores e roteiristas que paralisou as principais produções de Hollywood foi notícia mundial durante meses, com apoio massivo e conseguindo algumas das principais reivindicações.

A principal greve foi a dos trabalhadores do setor automotivo da United Auto Workers (UAW), com uma vitória histórica contra gigantes como Ford, Volkswagen e a GM. Conquistaram aumentos entre 25% a 30%, os maiores em 22 anos, e a recuperação dos aumentos indexados à inflação que haviam sido perdidos em 2008, entre outros ganhos. O mais importante foi o movimento trabalhista industrial dos EUA, um dos mais poderosos do mundo, em ação. Isso teve um impacto sobre a classe trabalhadora em geral, como já pode ser visto no crescimento contínuo das exigências sindicais e uma recuperação incipiente da filiação sindical.

Por outro lado, o movimento de solidariedade que surgiu nos EUA desde que Israel iniciou o genocídio mais agressivo em Gaza a partir de outubro de 2023 gerou uma ampla e profunda radicalização de uma importante vanguarda jovem. Em dezenas de universidades, ativistas estudantis organizaram acampamentos de solidariedade à Pa-

lestina, se defendendo da repressão estatal e dos ataques de gangues sionistas, consolidando uma vanguarda radicalizada contra o regime dos EUA como um todo, já que enfrentaram o democrata Biden como um apoiador inequívoco do genocídio sionista e da repressão contra os protestos.

A principal fraqueza do polo da luta social é que, ao contrário da direita, não conseguiu construir uma referência política. Sanders e o DSA colaboraram para direcionar a esquerda polarizada para as fileiras democratas, alienando e desmoralizando os setores mais radicalizados. Trump, por outro lado, sempre contou com os mais radicalizados da direita, mantendo e nutrindo sua base social nesse contexto de polarização. Aqui estamos vendo a probabilidade de seu retorno ao poder.

A ascensão da luta de classes garante uma resistência significativa. O desafio é encontrar uma forma de construir uma organização política que a represente. A situação política e social em geral, e esse desafio em particular, são a fonte dos debates sobre a estratégia revolucionária.

A esquerda revolucionária dos EUA teve dificuldade para responder às grandes mudanças dos últimos anos e está em profunda crise. A Organização Socialista Internacional (ISO), que havia conseguido construir uma força nacional e dinâmica, foi dissolvida em 2019. A Socialist Alternative (Alternativa Socialista), a maior organização no espaço desde então, está atualmente passando por uma crise interna fratricida.

Apesar disso, a partir da crise e da dispersão, também surgiram debates profundos, reagrupamentos e novas oportunidades. O *Coletivo Tempest* está fazendo um esforço notável para reagrupar uma parte importante dos quadros e ativistas da ex-ISO e de outros espaços. A organização sindical de esquerda *Labor Notes* acaba de realizar sua maior conferência nacional, com a participação de mais de 4 mil ativistas sindicais. A conferência nacional da editora socialista *Haymarket Socialism 2024* será uma nova oportunidade para enfrentar o debate estratégico sobre como avançar na construção da alternativa política necessária. 🐞

1. Joe Biden, presidente dos EUA e até então candidato pelo Partido Democrata, abandonou a corrida eleitoral em declaração onde indicou o nome de Kamala Harris, sua atual vice-presidenta, para o nome dos Democratas. Kamala recebeu diferentes apoios dentro do partido, incluindo o ex-presidente Barack Obama. As últimas pesquisas eleitorais indicam uma disputa acirrada entre Kamala Harris e Donald Trump.

Uma radiografia sobre MILEI

POR MARIANO ROSA

Como chegou ao governo? Qual a sua origem? Que novidade representa na história do país? Quais são os objetivos de sua orientação política? É uma mudança na relação de forças? Como explicar seu projeto a partir da experiência anterior do peronismo no governo? Que perspectiva apresenta e quais são as tarefas da esquerda na Argentina? Trazemos algumas contribuições a partir da perspectiva socialista sobre o fenômeno Javier Milei.



No princípio, era cansaço. A ascensão eleitoral de Milei expressa o profundo cansaço social com o governo peronista anterior e com a experiência do Macrismo. Ambas as administrações pioraram as condições materiais de vida da maioria e não ofereceram qualquer melhoria. A decepção e a raiva despolitizada, especialmente em setores da juventude empobrecida, foram canalizadas por uma figura da extrema direita que falsamente se apresenta contra a “casta” e o “sistema”.

Ao mesmo tempo, outro componente que dá força a Milei é o fato dele ter se tornado um aglutinador de setores fascistas que aderem às posições macartistas¹, contra os direitos de gênero, contra os movimentos sociais e privatistas na economia. Esta vertente foi fortalecida por um clima construído nos anos anteriores, com peso na experiência e na consciência das massas:

- Por um lado, a influência desta figura “outsider” muito forte nos meios de comunicação de massa, que desviou a agenda política dominante à direita.
- Também, pelo papel da burocracia sindical peronista que, apesar de ter participado de lutas importantes, evitou unificá-las e centralizá-las numa erupção massiva que fizesse pender a balança para a esquerda contra a crise.

Embora existam características particulares desta política na Argentina, está ao mesmo tempo em sintonia com um clima do momento que projeta versões mais radicalizadas de novas direitas, um dos extremos da polarização que define a situação global.

A narrativa contra as elites políticas tradicionais, o ápice da batalha cultural antissocialista ou antimarxista, faz parte deste ecossistema global ultraracionário. Ainda assim, os pontos de referência decisivos para o destino desta experiência capitalista residem na dinâmica interna argentina.

UMA NOVA TENTATIVA BURGUESA DE REDEFINIR TUDO À DIREITA

Milei é a quarta ou quinta tentativa histórica de uma reestruturação capitalista do país:

- Ainda na década de 1960, a ditadura de Juan Carlos Onganía foi uma primeira tentativa. Enormes rebeliões e semi-insurreições nas províncias de Córdoba, Tucumán e Rosário, seguindo a tendência mundial do maio francês e do Vietnã, enterraram esse projeto.
- Posteriormente, a ditadura genocida de 1976 avançou em grande parte da política neocolonial da dívida externa ao FMI e um ataque ao relativo desenvolvimento industrial do país. O resultado desta tentativa fascista teve um custo

muito elevado para a burguesia: as forças armadas foram expulsas do governo pela mobilização de massas em 1982. Como resultado, os golpes militares, usados para “quebrar um impasse” no poder, foram e continuam enfraquecidos no país até agora.

- Após 1989, Carlos Menem, com uma dura “terapia de choque”, num período de hiperinflação exorbitante, desmantelou quase todos os recursos do Estado com a privatização de empresas públicas e reforçou a interferência do FMI. Essa aventura terminou em 2001 com uma rebelião popular que afundou o tradicional sistema bipartidário.
- Macri foi a quarta tentativa, igualmente falha. Apesar de contar com o sindicalismo burocrático e o PJ - Partido Justicialista (peronistas) como pilares da sua governabilidade, também não conseguiu implementar o programa original de reestruturação capitalista de direita. Conseguiu terminar o seu mandato porque operou com o peronismo, que conteve a instabilidade e a desviou para a via eleitoral.

A originalidade de Javier Milei consiste no que se propõe a fazer sem um golpe militar (que não tem força), sem hegemonia no controle parlamentar (que não tem), sem apoio sindical ou força orgânica de rua, diferente das outras tentativas burguesas, que não conseguiram fazer, mesmo tendo esses recursos. No final das contas, as ruas dirão a última palavra.

MAIS DO QUE UM MODELO ECONÔMICO, É UM PLANO DE NEGÓCIOS

A Argentina é uma semi-colônia capitalista, embora com um desenvolvimento desigual e combinado no plano industrial. De fato, não é igual à média latino-americana em sua matriz produtiva. Possui 12 terminais automotivos, produção de satélites e polos siderúrgicos. Há ainda empresas estatais desenvolvendo tecnologia nuclear e uma companhia aérea nacional que responde por 70% do transporte nacional e 30% do internacional².

Milei veio para liquidar o que resta da indústria local ou reduzi-la à sua expressão mínima para cristalizar um modelo duro, baseado na agromineração exportadora. Este plano estratégico possui um ponto de apoio na grande burguesia agrária, que nos últimos 40 anos seguiu a trajetória inversa à de 1930:

desindustrializou o seu capital e mudou-se para o campo com um enorme agronegócio.

A política central de toda a sua orientação econômica é retirar a intervenção do Estado em tudo o que envolve a garantia de direitos sociais, considerado um gasto populista, e garantir condições extraordinárias de rentabilidade ao grande capital internacional para estimular o investimento direto:

- Reduzir os custos trabalhistas para contratações, exploração e demissões.
- Isenções fiscais por várias décadas, com eliminação de direitos e impostos sobre importações de insumos, mesmo que enfraqueçam a produção local.
- Livre disponibilidade de dólares das reservas do Tesouro sem a obrigatoriedade de investimentos no país.
- Prioridade no uso de insumos primários, como energia ou água, mesmo que haja escassez para a população.

Para implementar este esquema de negócios com amplas vantagens para as empresas, desde janeiro, Milei e os seus aliados operam para aprovar leis nesse sentido. A mobilização social, incluindo duas greves gerais por fora da burocracia sindical e uma marcha universitária massiva, condicionam este roteiro. Da mesma forma, com uma repressão brutal, especialmente contra a esquerda, o governo conseguiu aprovar parcialmente a sua Lei de Bases, que inclui o RIGI (Regime Impositivo para Grandes Investimentos) e ataques à legislação trabalhista.

Este plano reduz as forças produtivas, o que poderá aumentar a pobreza, de acordo com o Observatório da Universidade Católica, dos atuais quase 60% para quase 80% num período muito curto de tempo, aumentando o desemprego, exercendo assim uma pressão maior sobre os salários. Portanto, mais do que um modelo econômico, estamos perante um duro plano de negócios capitalista.

É HORA DE DESEMPATAR A LUTA DE CLASSES: BATALHA CULTURAL E MUDANÇA DE REGIME

Para estabilizar e conseguir uma reestruturação do capitalismo e do sistema político, o governo de Milei necessita de uma condição essencial: mudar a seu favor as relações de força sociais. A sua chamada batalha cultural, que é uma guerra político-ideoló-

gica de disputa do senso comum das massas, aponta nesta direção:

- A remarcação descontrolada dos preços pelas empresas monopolistas, o governo chama de *sin- ceridade*.
- A alteração nos padrões de acumulação de capital a favor dos mais ricos, o governo afirma ser *equilíbrio fiscal e ordenamento macroeconômico*.
- Sobre a cobrança de impostos, o governo diz ser uma *distorção do mercado que desencoraja os investimentos*.
- Políticas públicas para a educação, saúde, cultura e serviços, são *privilégios populistas e gastos*.
- Sobre os movimentos sociais e organizações com



cozinhas populares nas áreas mais pobres, são chamadas de *clientelismo e corrupção*.

Um dos aspectos do senso comum que o governo libertário tenta impor é: ter direitos sociais como maioria trabalhadora é viver acima das suas possibilidades. E tudo isso se combina com uma ofensiva repressiva e autoritária contra todos os direitos democráticos:

- Protestos e organização são um *crime*.
- Ocupar as ruas é *perturbação da ordem*.
- A esquerda, que enfrenta o ajuste do governo, é *inimiga e terrorista*.

Tudo isso se soma a iniciativas para reformar as leis penais, endurecer punições, impor prisões e até questionar os princípios da presunção de inocência

e do direito ao processo legal. Tudo com o aval do Judiciário como executor auxiliar dessa política bonapartista³, com processos armados e a infiltração de serviços de inteligência do Estado nos protestos, para provocar tumultos que justifiquem a repressão.

Mas o governo enfrenta um polo social com força acumulada entre os trabalhadores, a juventude, os movimentos sociais, as organizações de direitos humanos e a esquerda com uma longa tradição de luta e posições conquistadas nas últimas décadas. O volume de forças que o projeto libertário se choca explica o tamanho da sua ofensiva. A polarização aguda deixa dúvidas sobre a dinâmica e a disputa: até que ponto o projeto de extrema direita terá força para se estabilizar e cristalizar uma nova hegemonia burguesa? A força do movimento de massas contra Milei será capaz de ultrapassar o obstáculo das direções políticas e sindicais que impedem a realização de todo o seu potencial? A resposta será dada pela realidade da luta de classes e pela ação política das forças em disputa.

O PERONISMO COMO DOENÇA OPERÁRIA SENIL

A aposta no tudo ou nada do governo libertário está ligada a uma debilidade estrutural do regime político após o Argentinazo de 2001. Das duas colizações burguesas que reuniam frações dos partidos, que durante décadas se alternavam no governo, pouco ou nada restou.

Por um lado, Milei engoliu a base social do Proposta Republicana (PRO) de Macri, uma coligação que implodiu e fragmentou a União Cívica Radical (UCR) em diferentes partes. Também capitalizou a enésima experiência frustrante do último peronismo no governo, que vive uma fase senil. Milei joga no limite da chantagem, uma vez que não há mudança política capitalista e o peronismo sindical e partidário não tem como estratégia dirigir o conflito social, porque uma saída antecipada obrigaria assumir o governo sob pressão popular. Tudo isso, num período de crise econômica, só seria possível alterando os interesses e privilégios da minoria super rica; não pagar a dívida ao FMI; taxar as grandes fortunas e outras riquezas do tipo.

O peronismo, em todas as suas vertentes, é o fiador do *status quo* capitalista. A direção do peronismo (que inclui Cristina Kirchner, o governador de Buenos Aires, Axel Kicillof, e Juan Grabois como a “ala esquerda”) alimenta as expectativas para 2025, o ano das eleições legislativas. Agem com a tese de que “o que é possível” é o desgaste de Milei que, ao

aplicar o seu programa aprofundará a inquietação social que poderá ser canalizada para as urnas, não como ação de rua. Entre essa especulação canalha e o limite de tolerância das massas contra as agressões do governo, se dará a dinâmica no futuro.

ESQUERDA: IDENTIDADE, HEGEMONIA EM DISPUTA E MUITOS DESAFIOS

Existe força e vitalidade social para organizar uma resistência contra os planos de Milei. Os primeiros seis meses de enfrentamentos demonstraram isso, mesmo com a paralisia das centrais sindicais e do peronismo em construir um plano debatido e votado em assembleias de base, que centralize a luta contra o governo. É por isso que, para além de denunciar o papel nefasto destas direções, exigindo que convoquem medidas de força, há três tarefas centrais que se combinam:

- 1) **Apoiar todas as lutas até a vitória.** É fundamental saber que estamos num período de lutas muito duras, com a repressão como regra. Nesse sentido, devemos reforçar a articulação da frente única para mobilizar, como fizemos desde o início do governo de Milei. A Coordenação Multissetorial Independente, como polo articulador da esquerda do sindicalismo combativo, dos movimentos sociais, da cultura, das assembleias de bairro e de outros setores, é central contra a ofensiva dos processos contra os manifestantes. Também contra as demissões e o alto custo de vida, em defesa dos salários e dos direitos sociais.
- 2) **Reorientar a Frente de Esquerda e de Trabalhadores - Unidade (FIT-U) para ser uma alternativa real ao peronismo.** A Argentina tem uma particularidade positiva na esquerda: o trotskismo é hegemônico, deslocando o stalinismo e outras correntes reformistas ou de centro-esquerda quase marginais. Os principais partidos do trotskismo convergiram na FIT-U, mas apenas como coligação eleitoral. Milei, com seus discursos e ataques, acentuou a polarização: unifica seu núcleo duro de extrema direita e fascista e, ao mesmo tempo, alimenta a raiva do radicalismo anticapitalista, antifascista e uma ampla consciência à esquerda. Existe um amplo setor do ativismo operário, de juventude e popular que se distanciam do peronismo e simpatizam com a FIT-U que,

em saldos eleitorais, oscilam entre 800 mil e 1,5 milhão de pessoas. Mas a FIT-U até agora só se ofereceu como uma opção nas urnas, não como uma organização militante para a ação política, ideológica e de classe.

Nossa proposta é que a FIT-U convoque urgentemente um grande congresso aberto para canalizar todo o potencial da radicalidade e debater, com um programa socialista da frente, um plano de luta imediata e construção de uma alternativa que dispute o poder na Argentina. O Movimento Socialista de Trabalhadores (MST), seção argentina da LIS e parte da frente, propõe que a FIT-U evolua para um movimento político democrático e com liberdade de tendências. Pode ser uma mudança que reorganize milhares de militantes.



- 3) **Ganhar influência majoritária no campo da esquerda.** Existem acordos (a FIT-U é um deles) e diferenças (nacional e internacional) na esquerda revolucionária argentina. O principal debate é como superar o peronismo e preparar as condições de influenciar a classe trabalhadora e o povo para disputar o poder.

Como nenhum dos principais partidos da FIT-U possuem maioria hegemônica, acreditamos que a melhor resolução política está na saída que apontamos. Para isso, é fundamental ampliar a força orgânica, se inserir na sociedade como um todo, nos sindicatos, centros estudantis e bairros, construindo influência naqueles que pensam essencialmente a mesma coisa para o curso do processo revolucionário no país.

A esquerda tem uma oportunidade histórica na Argentina. Cabe a nós aproveitá-la. 🇦🇷

Bolsonaro: resultado da **DESILUSÃO** das massas brasileiras **COM LULA** **E O PT**

POR VERÓNICA O'KELLY

Após 13 anos de governos petistas de frente ampla com setores burgueses, emerge das profundezas do parlamento brasileiro um ex-militar, parlamentar há 28 anos até então sem muita notoriedade. Um personagem com traços autoritários que enaltece o período da ditadura militar, ironiza as conquistas sociais e se alinha aos líderes dos Estados Unidos, Israel, Itália e Hungria. Quase dois anos após perder a possibilidade de sua reeleição, o bolsonarismo continua sendo um dos principais setores da política brasileira. Derrotá-lo é uma tarefa fundamental neste período; como fazê-lo é o maior debate.

A REALIDADE É IMPLACÁVEL COM OS ILUSIONISTAS

Para entender a ascensão de Bolsonaro ao poder e o surgimento da extrema direita brasileira, precisamos analisar o que aconteceu no período anterior, ou seja, a mais de uma década de governos do PT.

Quando Lula se tornou presidente, as expectativas das massas eram enormes. Mas não demorou muito para que começasse a decepção dos setores políticos e sociais, dando os primeiros passos no rompimento com um governo que atendia às demandas do mercado. Logo em dezembro de 2003, após se recusarem votar na reforma da previdência impopular, os Deputados Federais, que mais tarde ficaram conhecidos como “radicais”, foram expulsos e, tempos depois, fundaram o PSOL.

A realidade implacável não entende as ilusões e, por mais malabarismos discursivos que os autodenominados “progressistas” possam fazer, as massas trabalhadoras se cansam de esperar por um futuro melhor que nunca chega e, com a crise capitalista mundial que se abriu em 2008, Lula e o PT afoga-



ram essas ilusões, ampliando-se as rupturas. Quando aquele “milagre”, como os analistas burgueses chamaram o período de crescimento impulsionado pelo aumento *das commodities*, entrou em declínio, os problemas políticos no governo do PT, nesse período com Dilma Rousseff na presidência, tornaram-se mais agudos.

DILMA, ADMINISTRADORA DO CAOS CAPITALISTA

Em junho de 2013, um movimento contra o aumento das tarifas de transporte público tomou as ruas de São Paulo, mais tarde conhecido como “Jornadas de Junho”. Foi uma rebelião liderada principalmente pela juventude. Essa revolta dos jovens de São Paulo se espalhou nacionalmente, tornando-se um poderoso surto de mobilização contra o governo de Dilma. Isso foi combinado com manifestações que denunciaram o gasto excessivo de recursos públicos para a construção de estádios e estruturas para a Copa do Mundo de 2014, exigindo que o nível dos serviços públicos fosse igual ao “padrão FIFA”. No mesmo momento, cresceram as acusações de corrupção nos megaprojetos da Copa do Mundo.

Mesmo assim, o governo Dilma e Michel Temer (novamente escolhido como vice-presidente) é reeleito, mas com muito desgaste. Pressionado pela crise, no início de seu mandato começa a fazer algumas mudanças, como a nomeação de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda (o homem do FMI, do Banco Central Europeu e, na época, diretor do Banco Bradesco). O novo ministro anunciou um pacote de ajustes com o objetivo de reduzir o déficit fiscal rezando a cartilha burguesa: redução dos gastos públicos. No final de maio, o governo anunciou o maior corte orçamentário da história do país até então. Os maiores cortes foram na saúde, educação, transporte, administração municipal, entre outros, somado aos aumentos acentuados nas tarifas de energia elétrica, gás e gasolina.

A EXTREMA DIREITA SURGE COMO A CARTA NA MANGA DE UM SETOR EMPRESARIAL ENCORAJADO

No início de fevereiro de 2015, a popularidade de Dilma caiu de 42% para 23%. A partir daí até o impeachment foi um caminho direto para um setor da burguesia que, preocupado com as convulsões sociais no mundo e com a ascensão que poderia se expressar novamente em casa, decidiu se livrar da direção do PT, que já não conseguia administrar o conflito social, nem disciplinar a classe trabalhadora com a ilusão na conciliação de classes.

A partir daí, o empresariado, o capital financeiro e o imperialismo, em busca de opções para governar o país, passaram a dar atenção a um deputado que, embora nunca tenha se destacado em seus 28 anos de trabalho parlamentar, apareceu com um novo aliado que lhe abriu as portas, especialmente nos escritórios da Faria Lima, famosa avenida paulista onde se concentra o mercado financeiro.

A imprensa burguesa construiu uma campanha refletindo o que chamaram de *lua de mel* do mercado com Bolsonaro, enquanto Paulo Guedes prometia acabar com o que chamava de *Estado disfuncional*, herança de um modelo intervencionista e centralizador da ditadura militar que os governos anteriores não conseguiram reformar. Assim, com promessas de reformas anti-populares, cortes nos gastos públicos, privatizações e benefícios para o mercado financeiro e o agronegócio, Bolsonaro tornou-se o candidato preferido para assumir a presidência do país.

A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA PARA CRIAR O “MITO”

Jair Bolsonaro há muito tempo se dedicava em inflamar o atraso conservador. Misógino, lgbtfóbico, racista, defensor do conservadorismo evangélico, da ditadura militar e com laços com as milícias e o crime organizado no Rio de Janeiro. Agora, com o apoio de grande parte do empresariado e do mercado financeiro, surge um personagem que prometia mudar tudo o que foi feito até aquele momento, um “*antissistema*”, que se encaixou nos sentimentos das massas frustradas com o projeto progressista do PT. Além disso, a ausência de uma alternativa de esquerda com influência nas massas, como poderia ter sido o PSOL, facilitou a ascensão da extrema direita, que capitalizou a raiva do povo brasileiro.

É assim que um homem medíocre como Bolsonaro se tornou um «*mito*» - como a base radicalizada bolsonarista o chama - que promete um futuro de prosperidade, resgatando valores conservadores como garantia de sucesso para uma sociedade que não consegue sair do círculo vicioso da pobreza e da marginalidade social.

NA PRESIDÊNCIA, BOLSONARO PERDEU FORÇA MAIS RÁPIDO DO QUE O ESPERADO

Já no governo, a extrema direita rapidamente começou a desiludir alguns setores. Logo após assumir o governo, enfrentou mobilizações da juventude em todo o país em defesa da universidade pública, com protestos e mobilizações contra a política de destruição ambiental, além de greves e processos de luta em diferentes setores dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo, em resposta, o governo começou a convocar mobilizações de apoio. Essas assumem diferentes magnitudes de acordo com o momento político, mas se tornam uma ferramenta que a extrema direita utiliza na disputa pelo poder, mesmo hoje fora do governo, conseguindo mobilizar 200 mil pessoas em fevereiro de 2024 em apoio a Bolsonaro.

A única vitória do governo foi a reforma da previdência e, como resultado de sua crescente fraqueza, acabou votando um projeto de lei no meio de mandato que frustrou as expectativas da comunidade empresarial. Não conseguiu votar a reforma tributária, muito menos avançar com a privatização das empresas estatais. Depois veio a pandemia e essa foi a confirmação final da fraude de um presidente incapaz de administrar as

demandas populares. Em vez de tentar responder à catástrofe social produzida pela Covid-19, Bolsonaro trouxe mais problemas que causaram um enfraquecimento ainda maior do já enfraquecido regime democrático-burguês brasileiro.

As mobilizações massivas com a palavra de ordem de *Fora Bolsonaro* surgiram como um processo relativamente espontâneo, assumindo uma magnitude que superou as expectativas dos organizadores e, sem dúvida, surpreendeu as direções ligadas ao PT e a Lula, já organizados para a campanha eleitoral de 2022. O PT e seus aliados demoraram a assumir o controle desse processo de mobilização. Foram vários meses de ascensão que desgastaram o governo e, por diversas vezes, o colocaram em risco de queda, mas infelizmente nesse período não surgiu nenhuma direção forte para superar as direções reformistas. Nessa dinâmica, a campanha de *Lula presidente* foi ganhando terreno, canalizando a mobilização para a via eleitoral.

APESAR DE PERDER AS ELEIÇÕES, O FENÔMENO BOLSONARO NÃO FOI DERROTADO

Em 2022, Lula fez um acordo e lançou a candidatura tendo como vice o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, referência da direita tradicional brasileira. A Faria Lima demonstrou seu apoio, rapidamente expresso na linha editorial da poderosa Rede Globo e da maior parte da mídia burguesa. Ficou claro que Bolsonaro não tinha mais a confiança da burguesia brasileira, que aderiu à campanha Lula-Alckmin.

Mas a extrema direita bolsonarista, recomposta após o processo de mobilização, ergueu novamente as bandeiras que o levaram ao governo: o antipetismo, a receita mágica para dialogar com a frustração das massas com o PT e Lula. O resultado eleitoral do segundo turno foi muito apertado, com Bolsonaro perdendo as eleições, mas sem ver derrotado seu projeto, que segue disputando amplos setores de massas.

COMO PODEMOS DERROTÁ-LO?

Como a mobilização não conseguiu derrotar o projeto de Bolsonaro, a extrema direita continua sendo um setor importante na realidade brasileira: governa estados, incluindo o maior do país, São Paulo, tem peso parlamentar e se mobiliza nas ruas. Isso mostra que não é pela via eleitoral, mas no terreno da luta de classes que podemos real-

mente derrotar esse projeto.

Os conciliadores defendem a ilusão na aposta em frentes amplas eleitorais com o objetivo de deter o crescimento do bolsonarismo. A tese é que “é necessário optar pelo *mal menor* para manter as liberdades democráticas básicas, atualmente ameaçadas”. É por isso que, nesse lógica, “é correto unir-se a partidos burgueses, incluindo os de direita, desde que se declarem a favor das instituições do regime democrático burguês”. Também defendem que “o governo Lula-Alckmin deve ser defendido sem críticas, pois a crítica significa fortalecimento da extrema direita”.

A dura realidade mostra que esses governos “democráticos” são responsáveis pelo crescimento da extrema direita porque são incapazes de responder às demandas das massas que, frustradas, deixam de apoiá-los e são cooptadas pelo bolsonarismo. A política de conciliação não derrota e nunca derrotará o crescimento da extrema direita. Na verdade, essa política equivocada a fortalece.

CONSTRUIR UMA FERRAMENTA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA É O MELHOR ANTÍDOTO

Infelizmente, nenhuma alternativa política independente, socialista e de esquerda surgiu no Brasil com influência suficiente para disputar as massas. O PSOL, hoje dominado por uma direção reformista, adaptada ao regime e assimilada ao governo, se degenerou e abandonou o objetivo anticapitalista de suas origens. As correntes centristas, que oscilam em suas posições, não lutam de forma resoluta contra a direção majoritária, e a esquerda revolucionária foi reduzida, hoje marginalizada no partido.

Por outro lado, a esquerda sectária, como o PSTU, a autoproclamada stalinista Unidade Popular, e o PCB dificultam qualquer processo de unidade da esquerda independente, impedindo a possibilidade do surgimento de um polo à esquerda do PT.

Apostamos na mobilização para derrotar Bolsonaro e a extrema direita. Nenhum canto de se-reia deve nos afastar das lutas e das ruas. Enquanto isso, militamos para construir uma alternativa política de esquerda, socialista, revolucionária e internacionalista que possa não só derrotar Bolsonaro, mas transformar tudo e construir um sistema onde a maioria trabalhadora decida sobre a riqueza, a organização e a produção social de forma democrática, ou seja, um sistema socialista. ✊



O experimento Bukele: ORIGENS, SUA DINÂMICA E ATUALIDADES

POR ALEJANDRO DREYFUS

El Salvador, no coração das Américas, vive um processo de reorganização política e social nos últimos cinco anos.

Desde a revolução centro-americana de 40 anos atrás até a crise do sistema bipartidário, incapaz de resolver os principais problemas que afetam diretamente grande parte da população explorada e empobrecida, até o colapso da ARENA e a desilusão das massas com a Farabundo Martí. A crise desse esquema capitalista neocolonial, corrupto e antipopular está na raiz do surgimento do “ditador mais legal do mundo”. Neste artigo, tentamos analisar sobre o emergente Nayib Bukele a partir de nossa perspectiva.

Na década de 1980, no processo revolucionário que abalou a América Central, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) ganhou influência de massas em El Salvador. Com vínculos diretos e orgânicos com o castrismo cubano, essa organização reuniu tudo, desde o Partido Comunista, até partidos socialistas cristãos. Foi resultado da unificação de todas as forças que se opunham aos

governos ditatoriais pró-EUA no país desde 1944.

A Frente Farabundo, com sua estratégia de frente popular de conciliação de classes, tinha em sua agenda a disputa pelo poder em nosso país, mas capitulou à orientação de Cuba e do sandinismo, que concordaram, nos acordos de Contadora e Esquipulas, em direcionar o processo para a via democrática burguesa e, sobretudo, capitalista. Dessa forma, evitaram a queda revolucionária do governo salvadorenho na década de 1980 e deram lugar a um processo que levou aos chamados Acordos de Paz, que abriram caminho para a integração total ao regime democrático-burguês da FMLN e a construção de um sistema bipartidário que administrou o capitalismo dependente do país até o surgimento do Nayib Bukele.

Ao cair no seguidismo do stalinismo cubano e de seus parceiros sandinistas, a FMLN perdeu a oportunidade histórica de uma ruptura anticapitalista no país. No outro polo do regime, as forças da burguesia latifundiária pró-Casa Branca formaram seu próprio braço político: a ARENA. A Constituição de 1983 legalizou mudanças superficiais com base em um pacto de impunidade para os crimes da ditadura e pequenas mudanças na estrutura latifundiária. A essência capitalista foi mantida com a subordinação ao FMI e ao imperialismo.

Nesses anos, os governos da ARENA aplicaram

políticas de privatização e dolarização, tornando a economia mais cara para os trabalhadores e fechando milhares de empregos. O ajuste selvagem prevaleceu. No início dos anos 2000, o partido Farabundo Martí conseguiu capitalizar a crise da direita governista e chegou ao poder prometendo uma mudança radical rumo ao “socialismo do século XXI” com uma revolução democrática. No entanto, a profundidade da crise social e econômica estrutural exigiu mudanças fundamentais baseadas na mobilização de massas e não em ajustes nas estruturas da democracia burguesa, de modo que, entre suas próprias limitações, além do boicote da direita pró-ianque, a FMLN foi apenas mais uma administradora dos interesses transnacionais.

A DECOMPOSIÇÃO CAPITALISTA E AS GANGUES

A burguesia salvadorenha prometeu que, com a “paz” pelos acordos de 1992, o país entraria no novo milênio com esperanças de reconciliação e desenvolvimento. No entanto, as políticas dos governos da ARENA deixaram a reconstrução econômica do país nas mãos do mercado. A onda de privatizações deixou milhares de trabalhadores nas ruas, encareceu o padrão de vida e ofereceu migalhas nas políticas públicas aos setores mais pobres. As zonas de livre comércio, isentas de impostos para empresas estrangeiras, geraram migração em massa para os novos polos industriais, somando aos expulsos pelos conflitos armados e à deportação de refugiados presos nos Estados Unidos.

Isso gerou bolsões de extrema pobreza em todo o país, um crescimento desregulado do comércio informal e milhares de jovens sem acesso à educação, saúde, serviços básicos ou emprego, criando um terreno fértil para as gangues. As gangues salvadorenhas surgiram na Califórnia/EUA na década de 1980 entre as comunidades salvadorenhas marginalizadas pela exclusão e a ameaça do tráfico de drogas e das gangues mexicanas. As gangues Bairro 18, conhecido como “La 18 e a Mara Salvatrucha 13, conhecida como “MS-13”, declararam-se rivais no sul de Los Angeles e, com as deportações em massa, se fixaram e cresceram rapidamente nas favelas salvadorenhas.

Os governos da ARENA implementaram a mão de ferro pela repressão, identificando esses grupos como “modas juvenis”, embora sempre negociando com os líderes das gangues. O problema era mais profundo. As gangues ofereciam proteção aos jovens marginalizados, sem oportunidades. A repressão seletiva não resolveu o problema e as gangues

assumiram o controle dos bairros, passando de roubos e assaltos para extorsões, sequestros e cobranças de “la renta”: um imposto extorsivo sobre empresas, trabalhadores do transporte, motoristas de caminhão e lojistas.

Em 2009, a Frente Farabundo venceu as eleições presidenciais prometendo mudanças radicais, no momento de um aumento da violência das gangues. Em 2010, La 18 incendiou um ônibus cheio de passageiros, um ato terrorista que chocou o país e levou o chamado *governo da mudança* militarizar a segurança pública, seguindo as receitas da ARENA e também fazendo pactos com alguns líderes de gangues. As medidas superficiais foram meros remendos no problema. As gangues estão ancoradas na decomposição capitalista, na falta de perspectivas para os jovens e na corrupção estrutural do Estado burguês. Esse também é motivo para o fracasso do progressismo salvadorenho contra esse flagelo, que exige medidas econômicas estruturais e mobilização social para dismantelar esse negócio marginal.

O EMERGENTE BUKELE: VEÍCULO DOS DESILUDIDOS COM NOVAS EXPECTATIVAS

É nesse contexto desafiador e violento que surge a figura de Nayib Bukele. Seu pai, Armando Bukele, empresário e descendente de imigrantes palestinos, foi uma referência na FMLN, ajudando Nayib, publicitário, a iniciar sua carreira política nesse partido político. Em 2012, se tornou prefeito de Nuevo Cuscatlán, uma pequena cidade perto de San Salvador, onde seu marketing político e seus projetos sociais conquistaram o apoio popular, dando início à sua carreira meteórica. Em 2015, o FMLN o nomeou para San Salvador, derrotando a ARENA e se destacando com a «recuperação do centro histórico», um projeto milionário para deslocar vendedores e negociantes informais para o coração de San Salvador, um espaço historicamente dominado pelas gangues.

Apesar do sucesso, seu caráter pragmático e personalista gerou conflitos dentro da Farabundo, que o expulsou antes das eleições de 2019. Bukele, sem partido, concorreu pela filiação ao GANA, uma ruptura da ARENA com acusações de corrupção e tráfico de drogas. Venceu as eleições canalizando o descontentamento social e prometendo projetos nas áreas de educação, saúde e infraestrutura, com foco no fim das gangues. Todo o programa “social” foi deixado pra escanteio e o foco foi a guerra contra as gangues. Ao assumir o cargo, os homicídios

caíram drasticamente, atribuídos ao seu “Plano de Controle Territorial”, um plano secreto conhecido apenas pelas pessoas mais próximas ao Presidente Bukele. Sem aprovação do Legislativo para sua terceira fase, em fevereiro de 2020 ele invadiu o Congresso com os militares, tentando um autogolpe e alegando ter falado com Deus. Em 2021, seu então partido Novas Ideias conquistou a maioria no Legislativo, destituindo o Tribunal Constitucional e o Procurador-Geral.

Em março de 2022, após ataques e assassinatos cometidos por gangues, o Congresso decretou um regime de exceção, suspendendo as garantias constitucionais e concedendo poder total ao Presidente. Esse regime deu a Bukele total liberdade para perseguir, prender e reprimir membros de gangues, mas também opositores, a imprensa independente, os sindicatos, camponeses e ativistas que o questionassem.

MUITO ALÉM DO MARKETING POLÍTICO, EXISTE A MATRIZ CAPITALISTA

Bukele, quando ainda concorreu pelo partido FMLN, apresentou-se como um político de esquerda, um socialista. Toda essa narrativa eleitoral de caráter oportunista foi deixada para trás. Seu modelo econômico capitalista tem várias características:

- Abertura do mercado para empresas transnacionais de tecnologia, com investimentos estrangeiros, principalmente *startups* americanas e israelenses. Uma de suas políticas mais controversas foi a aprovação do *bitcoin* como moeda legal, tentando atrair capital a qualquer custo. No entanto, seu impacto sobre a classe trabalhadora e a economia popular tem sido inexistente. A maioria dos salvadorenhos continuam usando o dólar e as remessas dos EUA, que representam 20% do PIB.
- Outra aposta do modelo econômico bukelistas é o turismo, com eventos esportivos e de entretenimento propagandístico para apresentar ao mundo um país em desenvolvimento, no estilo das ditaduras da década de 1970 que vendiam “o país dos sorrisos” ao mundo. Mas a desapropriação e a privatização de terras para projetos hoteleiros e imobiliários estrangeiros são comuns. O clã presidencial criou projetos hoteleiros ao longo da costa com impactos socioambientais dramáticos na região.

- Outro pilar é a especulação imobiliária, com isenções fiscais para as grandes incorporadoras, além de um regime de trabalho precário e informal.

Mas o mais importante foi o mecanismo de endividamento internacional e o uso dos fundos de pensão como caixa do Estado. Durante todo o governo de Bukele, a dívida ampliou-se em US\$ 10 bilhões, maior do que os últimos três governos juntos e os títulos de pensão acrescentaram outros US\$ 10 bilhões para “despesas correntes” do Estado, a partir das poupanças dos trabalhadores.

A economia está fraca, submissa ao FMI e aos bancos privados com políticas de ajustes na saúde, educação e moradia. Em resumo, um capitalismo pró-imperialista puro e simples.

TEMPESTADE NO HORIZONTE E AS NOSSAS TAREFAS

Passado o efeito da guerra contra as gangues, a classe trabalhadora e os setores populares estão passando por uma experiência material muito difícil: inflação e congelamento de salários. A chave para tudo ainda é o fluxo de remessas. A matriz econômica do país não mudou e as condições de pobreza e informalidade cresceram.

Com a “recuperação do centro histórico”, milhares de vendedores e trabalhadores informais foram empurrados para a miséria, sem outras opções de emprego e a especulação nas cidades abriu as portas para empresas de propriedade quase exclusiva do capital chinês e norte-americano. A realidade material dos salvadorenhos continua precária e o descontentamento expresso nas lutas e protestos, não se encerrou, foi apenas adiado. É uma questão de tempo.

O que é decisivo, como tarefa para as novas gerações de ativistas que começam a surgir entre os jovens, é construir uma alternativa de esquerda anticapitalista e resolutamente socialista, que supere as falsas versões socialistas do sandinismo, do stalinismo cubano ou do chavismo e construa uma nova experiência com uma política centro-americana e internacionalista. A militância da Liga Internacional Socialista – LIS, está empenhada nessa estratégia. Nossos povos ainda têm disposição de luta. A chave é construir uma força política orgânica com um programa revolucionário para intervir nas lutas que certamente virão. 🌱

a extrema direita e o fundamentalismo religioso NO SUL DA ÁSIA



Enquanto escrevemos este artigo, o grande e todo-poderoso exército do Paquistão, com seu governo fantoche, está se preparando para outra “operação” contra a insurgência islâmica na região noroeste do país. Onde historicamente era a terra dos pachtuns (ou pastós), foi dividida em 1893 ao longo da Linha Durand, com 2.640 km de extensão, entre o Paquistão e o Afeganistão. Uma divisão realizada pelo colonialismo britânico no período do Grande Jogo (a rivalidade entre o Império Britânico e a Rússia czarista) e seus outros projetos para saquear e pilhar o sul da Ásia.

Essa ideia de uma nova operação militar, a 18ª desse tipo em cerca de duas décadas, causou agitação não apenas entre as massas, principalmente nas áreas tribais de Khyber Pakhtunkhwa (uma província dominada pelos pashtuns no noroeste), mas também entre os diferentes setores da burguesia que recentemente perderam a aprovação do Estado ou que

historicamente têm uma relação problemática com este, incluindo o PTI de Imran Khan e alguns partidos nacionalistas. Embora os setores da elite política temam, com razão, que a operação seja usada como justificativa para aumento da repressão e manobra política, as massas, por sua vez, têm seus próprios receios. As operações anteriores causaram muito mais danos ao povo do que aos alvos terroristas, resultando em uma série interminável de desaparecimentos forçados, expulsões, execuções extrajudiciais, destruição de casas e de formas de subsistência e uma série de outros “danos colaterais”.

A opressão do Estado, a violência e o caos resultante foram um dos principais fatores que desencadearam o Movimento Pachtun Tahafuz (PTM), um movimento nacionalista que tem apoio popular entre os pachtuns, principalmente nas áreas tribais. Entre outras coisas, o PTM, com os vários movimentos regionais

alinhados, exigem a responsabilização dos militares envolvidos em crimes contra a população comum, a recuperação dos milhares de “desaparecidos” e o fim da política de “bons” e “maus” talibãs, respectivamente os grupos talibãs patrocinados pelo Estado paquistanês, que trabalham sob seu controle, e os que operam contra ele, orientados principalmente por potências imperialistas rivais, incluindo a Índia.

Os esforços do Estado paquistanês, alinhado com a política oficial de “profundidade estratégica” para estabelecer um regime “amigável” (leia-se fantoche) em Cabul, foi amplamente frustrado com a derrota e a vergonhosa retirada das forças da OTAN. Após a invasão do Afeganistão pelos EUA em 2001, a política no Paquistão consistiu num jogo duplo de apoio ao Talibã, por meio do corrupto *establishment* militar e, oficialmente, pela “parceria” com os EUA na chamada “guerra ao terror”. Essa divisão no Estado paquistanês tem sido um dos principais fatores que contribuíram para uma situação semelhante à guerra civil no país nas últimas duas décadas. Mais de 70 mil pessoas, na maioria civis, mas também membros da equipe de segurança, foram mortas até agora nesse caos interminável de derramamento de sangue e terrorismo. Os crimes cometidos durante a guerra imperialista no Afeganistão, tanto pelas forças da OTAN quanto pelo Talibã, são horríveis, com inúmeras mortes e a maior parte de um país já devastado pela guerra e literalmente transformado em escombros. Mas, no poder pela segunda vez, o regime talibã não fez quase nada para alinhar seus grupos aliados envolvidos em atividades terroristas no Paquistão (o chamado Talibã paquistanês, geralmente conhecido como TTP), incluindo ataques às forças de segurança.

Nos últimos meses, as relações bilaterais entre os dois países se deterioraram a ponto do Paquistão realizar ataques aéreos no Afeganistão (com retaliação do Talibã no outro lado da fronteira) e recorrer às Nações Unidas para forçar o Talibã a resolver a questão do TTP, enquanto os funcionários do regime Talibã zombavam, humilhavam e, às vezes, ameaçavam diretamente o Paquistão no Twitter e em outros lugares. O Paquistão também tentou exercer pressão sobre o Talibã por meio da China, o maior investidor no Afeganistão, um aliado próximo do Talibã e o único país do mundo

que reconhece o Talibã como o governo legítimo do Afeganistão. Sem dúvida, ainda deve haver facções pró-Paquistão dentro do “Talibã”, basicamente um termo genérico para vários grupos fundamentalistas armados aliados com um delicado equilíbrio de poder, às vezes até resultando em atritos públicos.

Podemos concluir que o Paquistão não consegue influenciá-los ou controlá-los como fazia num passado não muito distante. Não são tão dependentes do Paquistão para armas, dinheiro e apoio estratégico como costumavam ser antes da retirada das forças da OTAN. Além disso, após chegar ao poder, encontraram um aliado regional muito mais rico e poderoso na China, que investiu pesadamente na exploração das enormes reservas minerais na infeliz terra que o Talibã governa. Também podem estar usando grupos como o TTP como moeda



de troca para negociar não apenas com o Paquistão, mas também com a China. Nesse último caso, certos grupos jihadistas, sob a influência do Talibã, podem causar problemas para o regime chinês em suas já complexas regiões de maioria muçulmana. Além de tudo isso, seria problemático para o Talibã tomar medidas contra o TTP, podendo resultar em divisões e desintegrações mais profundas no grupo. Os vínculos de alguns dos grupos do TTP com várias facções do Estado profundo paquistanês, com interesses econômicos e estratégicos comuns, têm sido um fato indiscutível, resultando na categorização acima mencionada do Talibã como “bom” e “mau”.

Tudo isso reflete, graças às políticas e intervenções criminosas do imperialismo norte-americano, especialmente desde 1979, como

essa parte do mundo está irremediavelmente atolada num pântano sangrento da guerra, do terrorismo e de uma rede multibilionária associada ao tráfico de drogas e ao crime, uma das principais fontes de financiamento do Talibã e de grupos terroristas semelhantes, profundamente enraizada no Estado, na sociedade e na política paquistanesa, desgastando todo o tecido social do país.

Mesmo o fundamentalismo islâmico não sendo um fenômeno novo, nos últimos tempos adquiriu um caráter particularmente prejudicial e mais reacionário. Com a queda do mundo islâmico e sua subsequente ocupação pelas potências imperialistas ocidentais, alguns movimentos revivalistas islâmicos recém-surgidos ofereceram resistência ao colonialismo. A Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917, proporcionou uma nova visão de mundo e uma nova agenda aos elementos mais avançados e genuínos desses movimentos. Muitos desses movimentos estavam presentes no Congresso dos Povos do Oriente, organizado pelos bolcheviques em Baku, em 1920. No entanto, como no caso do subcontinente indiano, mesmo naquela época, os senhores coloniais orquestraram o nascimento de novas seitas hindus e islâmicas moldadas a seus interesses sociais e políticos. Essas tendências religiosas reacionárias foram usadas para semear divisões e preconceitos religiosos, “pacificando” a população local ao desviar a atenção para a vida após a morte e desorientar os movimentos contra o colonialismo.

No mundo pós-Segunda Guerra Mundial, foi o Secretário de Estado dos EUA, John Foster Dulles, que elaborou a política de usar o fundamentalismo islâmico moderno para sabotar movimentos e regimes de esquerda no mundo muçulmano que representavam uma ameaça ao imperialismo. Nas décadas posteriores à guerra, surgiram fortes correntes de esquerda nesses países e o descontentamento social que influenciou as forças armadas resultou em golpes que derrubaram governos burgueses lacaios e formaram regimes com características de bonapartismo operário ou Estados operários deformados (Síria, Iêmen, Somália, Etiópia, etc.). Da mesma forma, Gamal Abdel

Nasser e Zulfikar Ali Bhutto chegaram ao poder nas ondas populistas à esquerda no Egito e no Paquistão, respectivamente, iniciando um processo de nacionalização, enquanto o maior partido comunista fora dos países do Pacto de Varsóvia surgiu na Indonésia.

Acontecimentos semelhantes em outros países muçulmanos abalaram os centros imperialistas ocidentais. A resposta do imperialismo foi alimentar e patrocinar grupos islâmicos, armados e desarmados, em todo o mundo muçulmano como uma ferramenta de reação e contrarrevolução, para proteger a ordem mundial imperialista. Os exemplos incluem o Jamaat-e-Islami no Paquistão, o Ikhwan-ul-Muslimeen no Egito e em outros países árabes (que mais tarde se transformou no Hamas, na Palestina), a Frente de Salvação Islâmica na Argélia e o Sarekat-e-Islam na Indonésia. Camadas de lumpen proletariado e jovens desempregados, setores atrasados da classe trabalhadora e da pequena burguesia, incluindo pequenos empresários e comerciantes, são a base social tradicional dessas correntes, que não hesitam em utilizar os métodos mais bárbaros e fascistas contra seus oponentes. Mesmo assim, o fundamentalismo islâmico não conseguiu desenvolver uma base social de massas e se impor de forma decisiva na maioria dos países muçulmanos, incluindo o Paquistão.

Da mesma forma, para combater a Revolução de Saur, estourada em abril de 1978 no Afeganistão, a CIA lançou sua Operação Cyclone em junho de 1979, cerca de seis meses antes da entrada das tropas russas no país. O regime revolucionário do Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA) havia corajosamente assumido a tarefa histórica de tirar o Afeganistão de séculos de atraso e miséria com medidas como a abolição de empréstimos que roubavam os camponeses pobres; reformas agrárias; a eliminação de normas, tradições e leis reacionárias que tratavam as mulheres como animais; a separação entre o Estado e a religião; programas emergenciais de alfabetização; fornecimento gratuito de saúde e educação; distribuição justa de água; e o início da construção de uma base industrial. Esses acontecimentos fizeram soar os alarmes nos centros

imperialistas de Islamabad a Riad, de Bruxelas a Washington.

A Operação Ciclone foi o apoio a grupos fundamentalistas islâmicos armados contra o governo revolucionário afegão, utilizando os Estados paquistanês e saudita. Entre diferentes jihadistas de países árabes e de outros lugares, Osama bin Laden também foi recrutado no mesmo processo onde surgiu mais tarde a Al Qaeda e o Talibã. Na época, o presidente dos EUA, Ronald Reagan, descreveu os chamados “Mujahedins” como pessoas com *“moral semealhante aos pais fundadores dos Estados Unidos”*.

A CIA estabeleceu uma vasta rede de fabricação e distribuição de drogas na região para financiar esses jihadistas. Uma rede que se expandiu nas décadas seguintes, criando enormes quantidades de dinheiro sujo, que ainda alimenta o fundamentalismo islâmico e o terrorismo na região. Com essa estrutura, esses grupos terroristas, incluindo o Talibã, podem ser considerados semelhantes aos cartéis de drogas mexicanos e colombianos em termos de economia, métodos e tipo de relação com o Estado.

Da mesma forma, os EUA apoiaram a ditadura militar de Muhammad Zia-ul-Haq, no Paquistão, que chegou ao poder por um golpe que derrubou o governo de Zulfikar Ali Bhutto, que perdeu grande parte de sua credibilidade entre as massas trabalhadoras com um experimento fracassado de reformismo esquerdista. O regime de Zia-ul-Haq criou milhares de “madrassas” (seminários religiosos) durante a década de 1980 em todo o Paquistão, especialmente na região Pashtun, fronteira com o Afeganistão, com o objetivo de fornecer crianças e jovens de famílias pobres como soldados de infantaria para a guerra imperialista contrarrevolucionária travada no Afeganistão. O currículo desses seminários foi elaborado e impresso pela CIA nos EUA, e a matemática básica nesses livros foi explicada usando o número de armas, balas, granadas e os soldados comunistas mortos como unidades! O mesmo acontecia com a gramática e o alfabeto, que eram ensinados como “A de Alá”, “J de Jihad” e assim por diante. É interessante notar que o termo Talibã significa literalmente “estudantes”, referindo-se aos alunos desses seminários que, mais uma vez, sendo um investimento lucrativo, continuam se expandindo até hoje. Em estimativa, há cerca de 40 mil madrassas

em operação atualmente somente no Paquistão, produzindo extremismo religioso, fundamentalismo e ódio em escala industrial. Havia apenas algumas centenas delas quando Zia-ul-Haq esteve no comando!

Após chegar ao poder em 1978 e enforçar Zulfikar Ali Bhutto em 1979 com um julgamento fraudulento, o regime de Zia-ul-Haq, patrocinado pelos EUA, iniciou um programa de opressão e islamização da sociedade paquistanesa para reprimir qualquer resistência de classe e garantir que os acontecimentos revolucionários de 1968-69, mesmo com o trágico resultado das políticas stalinistas e da ausência de um partido marxista resoluto, que colocaram Zulfikar Ali Bhutto no poder, não se repetissem. Os açoitamentos públicos de jornalistas e trabalhadores politicamente pro-



gressistas tornaram-se uma norma; tribunais militares foram abertos para prender, torturar e enforcar os ativistas de esquerda mais radicais; organizações estudantis foram proibidas (ilegais até hoje); a mídia foi fortemente censurada, enquanto a mídia estatal tornou-se uma ferramenta letal de propaganda islâmica conservadora; a Constituição foi alterada para incluir cláusulas reacionárias e foram introduzidas leis discriminatórias contra minorias e mulheres; o pensamento crítico foi atacado em todos os espaços da vida social; as seitas islâmicas mais radicais e reacionárias, especialmente o islamismo salafista/wahhabi da Arábia Saudita, foram disseminados com total apoio do Estado; as atividades políticas foram oficialmente perseguidas; as leis de blasfêmia da era



colonial britânica foram alteradas para introduzir sentenças que vão desde a prisão perpétua até a execução; os currículos educacionais foram amplamente revisados para incentivar o conservadorismo e o anticientificismo entre os jovens; fundamentalistas foram recrutados em massa para a máquina estatal.

Durante todo o tempo, o principal partido político islâmico da época, o Jamaat-e-Islami, juntamente com sua organização estudantil, desempenhou o papel de outro lado da moeda do regime draconiano. A ditadura de Zia-ul-Haq, em resumo, tinha tudo o que uma contrarrevolução possui. A jihad apoiada por ele no Afeganistão logo se espalhou pelo Paquistão, envenenando o país com uma lumpenização generalizada, kalashnikovs, violência sectária e uso de drogas, sufocando toda a sociedade e destruindo os valores progressistas na arte e na cultura.

Foi também nesta época que uma parte considerável dos incalculáveis petrodólares da Arábia Saudita e de outras monarquias do Golfo, para financiar a chamada jihad afegã, começou a fluir para o *establishment* militar paquistanês, incluindo a principal força de espionagem do país, o Inter-Serviços de Inteligência (ISI), que em poucos anos se tornou uma das agências de inteligência mais poderosas e bem financiadas do mundo. Esse enorme saque logo foi com-

plementado por um suprimento inesgotável de dinheiro sujo das empresas, dando ao ISI relativa independência financeira, até do Estado paquistanês e de seus militares. Uma parte desse saque também foi parar nos bolsos dos *mulás* jihadistas, da pobreza à riqueza quase da noite para o dia, elevando consideravelmente o status social e influência. Ironicamente, seja com os mujahedins ou com o ISI, o imperialismo dos EUA criava as bases de seu próprio inimigo no Afeganistão num futuro não muito distante.

Após o colapso da URSS, o governo de Mohammad Najibullah, conhecido como Dr. Najib, uma continuação em ruínas do regime PDPA afegão, caiu em 1992 quando o governo de Boris Yeltsin em Moscou cortou o fornecimento de combustível e armas, além da traição de seus principais comandantes stalinistas, que abandonaram o navio que estava afundando, desertando e unindo forças com o inimigo. Isso levou a uma nova fase da guerra civil, com amargos conflitos internos entre grupos mujahedins anteriormente aliados. O envolvimento de várias potências imperialistas, além do Paquistão, que apoiavam vários grupos armados, ampliou o problema. As tentativas de mediação do Estado paquistanês, a pedido de seus chefes em Washington e Riad, fracassaram miseravelmente uma após a outra. Toda a po-

lítica construída durante os anos do PDPA foi destruída nessa luta implacável pelo poder, e o bombardeio constante deixou Cabul, antes conhecida como a “Paris do Oriente”, em ruínas. Nessas circunstâncias, o Paquistão decidiu criar o Talibã como uma nova força para acabar de uma vez por todas com a ilegalidade e a instabilidade no país vizinho. A situação era mais complexa, como analisa Lal Khan¹ em um de seus muitos artigos sobre o Afeganistão e o fundamentalismo islâmico:

“Em 1996, a tomada de Cabul foi possível graças a um acordo secreto entre Robin Raphael, Secretário de Estado dos EUA no Sul da Ásia, o Talibã e a facção militar do ex-general stalinista Shahnawaz Tanai. Esse acordo foi construído pelo ISI.... Ironicamente, foi patrocinado em Islamabad por Benazir Bhutto (filha de Zulfiqar Ali Bhutto). Isso explica um pouco sobre suas credenciais como “progressista”. O dinheiro para essa operação da tomada de Cabul foi fornecido pela gigante petrolífera norte-americana Unocal Corporation. Não é mera coincidência o fato de Robert Oakley, ex-secretário de Estado dos EUA, ser funcionário da Unocal.”

Depois de assumir o controle de Cabul, uma das primeiras atrocidades cometidas pelo Talibã foi o terrível assassinato do Dr. Najib e de seu irmão. Ambos haviam se refugiado em um complexo local da ONU. Seus cadáveres foram deixados pendurados em um poste de semáforo por dias para aterrorizar a população local. Entre outras coisas, o regime monstruoso implementado pelo Talibã incluiu a proibição total da educação para meninas; chicotadas pú-

blicas e apedrejamento até a morte; obrigação das mulheres a se cobrirem da cabeça aos pés com a burca; proibição das mulheres saírem de casa; “justiça” arbitrária por meio de tribunais dirigidos por terríveis mulás; massacres da minoria xiita; proibição de homens rasparem a barba; e proibição total de roupas, música e todas as outras formas de arte ocidental. Já no poder, o Talibã fez tudo o que fosse possível para que a sociedade voltasse à idade da pedra, ou pior. Não é muito diferente desde quando chegaram ao poder pela segunda vez.

Mas, as relações entre o Talibã e os EUA logo se deterioraram. Zalmay Khalilzad, ex-funcionário do Departamento de Estado durante o governo de Ronald Reagan e mais tarde embaixador dos EUA no Afeganistão, no Iraque e nas Nações Unidas, também estava trabalhando como consultor para a Unocal e elogiou publicamente o Talibã enquanto causavam tragédias no povo afegão. Em um artigo para o Washington Post em 1996, Zalmay afirmou:

“O Talibã não pratica o fundamentalismo anti-americano do Irã... estão mais próximos do modelo saudita.... O grupo defende uma mistura de valores tradicionais pashtun e uma interpretação ortodoxa do Islã.”

O Talibã e a empresa petrolífera norte-americana Unocal planejaram originalmente construir uma rede de oleodutos de US\$ 4,5 bilhões para transportar petróleo e gás do Mar Cáspio, passando pelo Afeganistão até o sul da Ásia. No entanto, os executivos da Unocal descobriram mais tarde que os talibãs os esta-



vam traindo e, além de enviar uma delegação à sede da Unocal no Texas, enviaram outra a Buenos Aires, à sede do conglomerado petrolífero argentino BRIDAS, para negociar um acordo ainda mais lucrativo. Ao mesmo tempo, a Al-Qaeda bombardeou duas embaixadas dos EUA no continente africano, matando 224 pessoas. A essa altura, o grupo terrorista liderado por Osama bin Laden, outrora um dos favoritos dos EUA, havia se mudado do Sudão para o Afeganistão, onde o Talibã lhe ofereceu refúgio. Tudo isso fez com que o Talibã perdesse o apoio dos EUA e, como dizem, o resto é história.



Quando os últimos soldados soviéticos no Afeganistão cruzaram o rio Oxus em 1988, após os Acordos de Genebra, Zia-ul-Haq morreu em circunstâncias suspeitas num acidente de avião, mas continuou vivo na política dos governos democráticos e militares posteriores, incluindo os do Partido Popular do Paquistão (PPP) de Zulfikar Ali Bhutto, que foi girando à direita tornando-se um parceiro de coalizão com seu rival histórico, o tradicional partido de direita de Nawaz Sharif, que foi criado e financiado politicamente pelo ditador Zia-ul-Haq. Como em grande parte do resto do mundo, a raiva e o descontentamento popular contra o sistema bipartidário abriu caminho para uma terceira força política, o populismo de direita de Imran Khan, que tem semelhanças com os fenômenos Trump, Bolsonaro e Milei. Como se pode imaginar, Imran Khan e seu

partido - Movimento Paquistanês pela Justiça (PTI), tem sua base de apoio principalmente nas seções educadas e de colarinho branco da pequena burguesia urbana - é conservador e reacionário a ponto de muitos o considerarem uma versão “raspada” do Jamaat-e-Islami.

A implementação impiedosa de políticas neoliberais desde o final da década de 1980, exigidas pelo FMI e o Banco Mundial, apenas agravaram a crise histórica do capitalismo paquistanês, deteriorando ainda mais as condições de uma população já empobrecida. O miserável fracasso do projeto do *establishment* militar em torno de Imran Khan – primeiro apoiando-o e levando-o ao poder, depois o destituindo e prendendo-o após ser uma dor de cabeça ao tentar se tornar cada vez mais independente com muita arrogância – aprofundou as fraturas no Estado e intensificou ainda mais o caos político. A economia é atormentada por déficits e dívidas históricas, e a situação chegou a um ponto em que pouco resta para privatizar. Mesmo os setores estatais restantes colocados à venda a preços de banana não conseguem atrair investimentos estrangeiros razoáveis. O aeroporto, os parques públicos e as rodovias estão sendo hipotecados para a obtenção de empréstimos adicionais. Mesmo com as longas horas de cortes de energia, uma rotina até nos centros urbanos relativamente desenvolvidos, os preços da eletricidade aumentaram muito nos últimos anos.

O novo governo fantoche de Shehbaz Sharif, irmão mais novo de Nawaz Sharif, não têm apoio público nem credibilidade. Seus líderes são ainda mais impopulares. A incerteza e o descontentamento das massas estão na ordem do dia. O movimento de massas vitorioso na Caxemira, que lutou pelo direito à energia elétrica acessível, alarmou ainda mais os grandes políticos. Como resposta, o regime se tornou ainda mais opressivo, conservador e religioso. As circunstâncias refletem um Estado que sofre de crise existencial e está à beira do colapso, caso o capitalismo tardio em crise e historicamente obsoleto não seja derrubado por um levante revolucionário dos explorados. Mas, nas atuais condições, marcadas pela desmobilização e decadência social, pelas traições das direções sindicais e partidárias tradicionais e pela indiferença e ilusão política das massas trabalhadoras, é comum que as pessoas, prin-

principalmente a pequena burguesia e as camadas atrasadas do proletariado, busquem respostas nos preconceitos reacionários, nos contos e histórias religiosas e na ideia de uma vida após a morte. Tudo isso contribui para o fato de que a religiosidade envolve grandes setores da sociedade, expressando-se nas vestimentas, trajes, linguagem, hábitos e outros aspectos da vida social, mas é tão superficial quanto a fina camada de musgo que se forma na água parada.

Em épocas marcadas pela inércia da luta de classes e do movimento dos trabalhadores, as seitas religiosas e os grupos fundamentalistas crescem até um certo ponto, e novos grupos podem continuar surgindo com perspectivas mais reacionárias, mas com a total incapacidade de apresentar um programa viável de emancipação para as massas, na maioria dos casos, não conseguem adquirir bases sociais e políticas sustentáveis na grande maioria da população e não demoram para ser esquecidos. Em épocas de aparente dominação da reação e do fundamentalismo religioso, as correntes sociais e políticas progressistas aparentam estar morrendo irremediavelmente, mas podem ressurgir rapidamente sob o efeito de eventos extraordinários. À medida que a crise do Estado se aprofunda e as contradições do capitalismo paquistanês se acentuam, não se pode descartar a possibilidade de uma explosão social imprevisível que transforme radicalmente toda a situação da noite para o dia.

A Linha Durand entre o Paquistão e a Índia é apenas uma das divisões artificiais traçadas na região pelo imperialismo britânico e seus lacaios locais para segregar e perpetuar a exploração sobre as populações locais com uma história comum de milhares de anos. As outras são a Linha Radcliff e a Linha de Controle (LoC), que dividem, respectivamente, Punjab (e Bengala) e Caxemira entre a Índia e o Paquistão, as duas potências atômicas rivais do sul da Ásia que emergiram da sangrenta divisão de 1947, onde 20 milhões de pessoas foram arrancadas de seus lares ancestrais e pelo menos 1 milhão morreram nas agitações fundamentalistas religiosas com estupros e assassinatos. O trauma da divisão ainda perdura na vida cultural e social da população e alimenta o fanatismo religioso e

o fundamentalismo em ambos os países, obviamente apoiados não apenas pelo Estado e pelas classes dominantes do Paquistão - um país ostensivamente fundado em nome do Islã - mas também pela suposta laicidade da Índia. Aqui, mais uma vez, foram os imperialistas britânicos que, por motivos óbvios, quando dividiram a região em 1947, fizeram questão de não deixar para trás uma Índia unificada.

Em tempos de graves crises internas, decorrentes do capitalismo historicamente atrasado e artificial, os dois Estados vizinhos não hesitam em chegar ao extremo de tocar os tambores da guerra e levar às últimas consequências a histeria bélica e uma mistura tóxica de nacionalismo com fanatismo religioso. Mas, os recursos limitados e as possíveis consequências - incluindo a possibilidade de uma guerra sair do controle e a aniquilação total no caso de um conflito nuclear - forçam seus representantes políticos a se conterem e, mais cedo ou mais tarde, a arbitragem do imperialismo pelos mesmos motivos amenizam a situação, com o diálogo e uma fase de "normalidade" e "paz". As guerras de 1947, 1965 e 1971 - e várias disputas fronteiriças que continuam até hoje, especialmente na disputa pela Caxemira -, juntamente com os períodos provisórios de conversações de paz, demonstram que as classes dominantes da Índia e do Paquistão não podem travar uma guerra decisiva nem podem, ao contrário das ilusões da esquerda liberal e reformista, manter uma paz e uma longa amizade. Desde o início, os setores poderosos dos dois Estados e de suas classes dominantes, aprendendo a lição de "dividir para conquistar" com seus mestres britânicos, adotaram a política de alimentar e patrocinar o extremismo e o fundamentalismo religioso para desmobilizar o processo de luta de classes e perpetuar seu governo em crise. Nesse contexto, o fundamentalismo hindu e o islâmico podem ser vistos como dois aspectos do mesmo fenômeno de mútua alimentação.

A ascensão ao poder do Partido do Povo Indiano (BJP - *Bharatiya Janata Party*), um Estado oficialmente laico, prova mais uma vez que uma sociedade verdadeiramente laica e democrática não pode ser construída com base em um capitalismo historicamente atrasado e em crise, in-



capaz de proporcionar uma vida próspera para a grande maioria da população. O BJP pode ser considerado a ala eleitoral do Organização Voluntária Nacional (RSS – *Rashtriya Swayamsevak Sangh*), organização extremista nacionalista hindu que, nas condições de diversidade nacional, regional, linguística, cultural e religiosa da Índia, onde dezenas de milhares de divindades hindus são adoradas e onde também reside uma minoria muçulmana significativa, juntamente com cristãos e siques, busca impor uma religião hindu unificada e um nacionalismo baseado no fascismo italiano e alemão.

Historicamente, o RSS e as organizações que surgiram daí, coletivamente chamadas de “Família RSS”, não obtiveram nenhum grande sucesso no campo eleitoral. O Bharatiya Jana Sangh (BJS), o partido anterior ao BJP, obteve, no máximo, 9,31% do total de votos nas eleições gerais de 1967. Nas eleições gerais de 1984, o BJP conquistou apenas duas cadeiras no *Lok Sabha* (o parlamento indiano). No entanto, os diferentes ataques com políticas capitalistas pelos sucessivos governos do Congresso Nacional Indiano (INC)², principalmente após as políticas de abertura econômica neoliberais na década de 1990, no momento do colapso da União Soviética, juntamente com o uso da antiga política britânica de manipular as divisões comunais na sociedade para consolidar poder e prestígio, criou uma base social para o BJP que resultou em vitórias eleitorais. Além das limitações do Congresso Nacional Indiano, somou-se a incapacidade das direções stalinistas, os diferentes partidos comunistas, de armar o gigantesco proletariado indiano com um

programa marxista e apontar uma saída revolucionária do atoleiro capitalista. Essa incapacidade abriu o caminho para as forças do Hindutva³. Assim como em outras partes do mundo, perdidos no labirinto da conciliação de classes, no etapismo, no nacionalismo, no parlamentarismo e no reformismo, os partidos comunistas (que já tiveram uma base social de massas considerável, apoio e presença no parlamento) agora estão lutando pela sobrevivência.

Como destacou Haris Qadeer em um de seus artigos recentes sobre a Índia, durante os últimos dez anos no poder, o BJP se tornou tão forte, não apenas em termos de números, mas também em influência sociocultural, que qualquer outra força política, incluindo todos os partidos políticos rivais juntos, não são capazes de oferecer resistência contrária. Assim como fenômenos semelhantes em outros lugares, a maior parte de sua base é composta pela pequena burguesia profissional e comercial, por camadas lumpenizadas do proletariado, por jovens desempregados e, curiosamente, pela diáspora indiana no Ocidente. De acordo com uma estimativa conservadora, o BJP tem atualmente mais de 180 milhões de membros. Além disso, seus membros inativos ou simpatizantes chegam a dezenas de milhões. Mais de 800 ONGs ligadas ao partido estão ativas em vários campos. O BJP possui 36 alas, incluindo a maior federação sindical e a maior federação estudantil do país. Além de uma grande ala de mulheres, o partido também controla a organização indiana de extrema direita Conselho Mundial Hindu (VHP – *Vishwa Hindu Parishad*) e vários acordos para

monitorar assuntos culturais e religiosos no país e no exterior. Estima-se que somente o RSS tenha cerca de 5 milhões de filiados, uma parte sendo funcionários da organização. O RSS possui mais de 60 mil sedes em toda a Índia.

Assim como muitas outras correntes populistas e de extrema direita que surgiram recentemente, incluindo o PTI de Imran Khan no Paquistão, o BJP administra uma gigantesca rede de mídia social por meio de sua célula de TI que emprega milhares de pessoas. A célula funciona com inúmeras páginas e contas com nomes de personalidades famosas, regiões, destinos turísticos, cidades e festivais religiosos, etc., e as utiliza para fazer propaganda mentirosa de acordo com os objetivos do partido, o que inclui a construção de uma imagem ao mundo de que a Índia está progredindo sob o governo do BJP. Muitas dessas contas ou páginas têm até nomes ou títulos muçulmanos. Por meio dessas mídias, qualquer voz dissidente ou opositorista é incessantemente trollada e declarada traidora, antinacional, pró-Paquistão, etc.

Em essência, o BJP - na verdade, o projeto sociopolítico do Hindutva - representa um ataque sem precedentes das seções dominantes da burguesia indiana contra as massas trabalhadoras. Isso inclui a severa limitação ou até a abolição total de suas liberdades democráticas e civis, incluindo o direito de organização, associação política livre e liberdade de expressão. Mas tudo isso é preliminar ao seu objetivo principal, que é a implementação feroz da agenda neoliberal, ou seja, privatização total, destruição de sindicatos, rebaixamento dos salários reais ao mínimo necessário, austeridade, desregulamentação e contenção. Tudo isso não é somente uma escolha política, mas a condição necessária para garantir os lucros das empresas e até mesmo a própria existência da burguesia indiana. Em última análise, o BJP e seu programa é parte integrante do sistema no período histórico de decomposição e decadência capitalista.

Sobre as consequências políticas implementadas pelo BJP nos últimos dez anos, a situação não tem nada a ver com o quadro cor-de-rosa de uma Índia em ascensão e “brilhante” pintada pelos apologistas do capitalismo neoliberal no país e no exterior, incluindo *think tanks* imperialistas e instituições financeiras como o FMI. Os números oficiais de crescimento do PIB podem ser considerados completamente manipulados ou,

na melhor das hipóteses, artificialmente ampliados. Trata-se de um crescimento deprimente para a grande maioria da população, ampliando o abismo entre ricos e pobres a tal ponto que 7 milhões de cidadãos indianos, das camadas dominantes, podem ser incluídos entre as pessoas mais ricas do mundo, enquanto 700 milhões de indianos estão entre os mais pobres do planeta. Como resultado, o abismo entre ricos e pobres na Índia é pior agora do que era durante no período do domínio colonial britânico: o 1% mais rico da população do país é responsável por até 73% da renda nacional e possui mais de 4 vezes a riqueza dos 953 milhões de pessoas que constituem os 70% mais pobres da população do país. Um trabalhador doméstico levaria mais de 22 mil anos para ganhar o mesmo que um CEO de uma empresa de tecnologia ganha em 1 ano.

O Estado e a sociedade indiana sob o coman-



do do BJP vive um processo de transformação reacionária semelhante ao iniciado por Zia-ul-Haq no Paquistão na década de 1980. Mesmo com tudo isso, a situação ainda não está completamente perdida. Apesar da brutal repressão à oposição e do controle sem precedentes da mídia nas recentes eleições gerais, o BJP sofreu um inesperado revés eleitoral, e as esperanças de Narendra Modi de conquistar a maioria necessária para as emendas constitucionais que transformarão a Índia em uma ditadura Hindutva foram frustradas. Isso reflete um descontentamento em massa que mostra sinais na superfície do problema. O BJP agora terá que governar por meio de uma coalizão e, conseqüentemente, com um governo relativamente fraco. Isso não significa necessariamente que, diante de uma oposição mais forte, diminuirá o tom de sua re-

tórica fundamentalista. Pelo contrário, será forçado a adotar uma abordagem mais intolerante em uma tentativa de se reafirmar na sociedade, estimulando ainda mais os principais sentimentos nacionalistas religiosos não apenas contra uma minoria muçulmana significativa, mas também contra o inimigo externo histórico, o Paquistão. De qualquer forma, com os acontecimentos recentes, tornou-se extremamente difícil, se não totalmente impossível, derrotar e derrubar o BJP apenas pela via eleitoral. O proletariado indiano, em unidade com outros estratos explorados e oprimidos da sociedade, terá de recorrer a métodos revolucionários não apenas para se livrar da ameaça do fundamentalismo hindu, mas também do sistema de opressão e exploração de classe que é a fonte de todos esses vícios.



As raízes do fundamentalismo religioso em todas as suas formas, formatos e faces no Sul da Ásia devem ser buscadas na evolução histórica dessas sociedades sob o colonialismo, o imperialismo e, mais tarde, o governo independente de uma burguesia lacaia. Com o padrão de desenvolvimento desigual e combinado, o empobrecimento, os preconceitos religiosos e superstições do passado, somados a uma modernização para poucos e a presença do capital financeiro e do dinheiro sujo, só complicaram a evolução desses países. O capitalismo artificialmente criado com sua burguesia subserviente não conseguiram cumprir nenhuma de suas tarefas históricas, ou seja, a criação de um Estado efetivamente laico e com uma democracia parlamentar saudável; uma industrialização estável e de longo alcance; uma solução para a questão nacional candente; a formação de uma força de

trabalho saudável, educada e qualificada com uma ética de trabalho decente; o fim dos resquícios econômicos e culturais do feudalismo; e uma infraestrutura social e material viável onde a moderna sociedade burguesa pudesse ser construída. Com o aprofundamento da crise histórica do capitalismo em escala global, as condições nessa parte do mundo tornaram-se cada vez mais sombrias. Em tempos de decadência capitalista, quando as tendências semi fascistas de extrema direita estão ressurgindo até mesmo nas sociedades mais desenvolvidas e modernas do Ocidente, é criminoso até mesmo imaginar lutar e derrotar o fundamentalismo religioso aqui com um programa limitado às fronteiras do capitalismo. O liberalismo e o reformismo de esquerda não podem oferecer nenhuma resistência efetiva contra a extrema direita, seja na forma do fundamentalismo religioso, do racismo ou qualquer outra forma. Em uma tentativa desesperada de resolver a crise do capitalismo com políticas de austeridade, privatização e desregulamentação, esses setores acabam abrindo o caminho para a extrema direita. Somente o proletariado, dirigindo todas as outras seções oprimidas da sociedade e armado com um programa socialista revolucionário, pode combater esse perigo e acabar com a causa raiz de todos esses horrores. Nas gloriosas palavras de nosso camarada Lal Khan:

“Quando a classe trabalhadora começar a se movimentar... o fundamentalismo desaparecerá como uma gota d’água desaparece da superfície do ferro em brasa. Mas se as contradições e crises básicas da sociedade não forem eliminadas, elas retornarão repetidas vezes nos novos períodos de reação. A reação continuará devastando e violando a sociedade e a civilização humana até que seja erradicada e a causa básica de sua existência, a privação, seja extirpada. Trata-se de uma manifestação particular da agonia do capitalismo. Só será possível se livrar dessa praga quando o sistema sobre o qual ela se espalha for abolido. Isso só é possível com a revolução socialista”. ✊

1. Lal Khan (1956-2020), fundador e dirigente histórico do *The Struggle* (A Luta), seção da LIS no Paquistão.
2. Tradicional partido político do nacionalismo indiano.
3. Ideologia política indiana nacionalista que tenta impor a hegemonia cultural e religiosa do hinduísmo.

REVISTA DE TEORIA E POLÍTICA DA LIGA INTERNACIONAL SOCIALISTA / AGOSTO 2024 - Nº 6

REVOLUÇÃO PERMANENTE

PALESTINA 75 ANOS DE LUTA



REVISTA DE TEORIA E POLÍTICA DA LIGA INTERNACIONAL SOCIALISTA / AGOSTO, 2023 — Nº 4

REVOLUÇÃO PERMANENTE

HEGEMONIA IMPERIALISTA EM DISPUTA



ISSN 2683-779X



ROSA LUXEMBURGO SOCIALISMO OU BARBARIE

